

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**Ronaldo, O Fenômeno.
Motivação e Autoestima no processo de lesão e reabilitação
sob o prisma da Análise do Comportamento**

Renan Nobre Floriano

**Orientador:
Professor Sergio Wajman**

São Paulo
2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

**Ronaldo, O Fenômeno.
Motivação e Autoestima no processo de lesão e reabilitação
sob o prisma da Análise do Comportamento**

Renan Nobre Floriano

**Orientador:
Professor Sergio Wajman**

Trabalho de conclusão de
curso como exigência para
graduação no curso de
Psicologia.

São Paulo
2012

Dedico este trabalho aos meus pais, Joel e Shirley, pelo empenho e dedicação despendidos em minha formação pessoal, esportiva, acadêmica e profissional. Ao meu irmão pelo exemplo de determinação e perseverança. A todos que fizeram parte deste sonho esportivo que, por outro prisma, hoje está se realizando através deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Todos nós sabemos o quão difícil é enfrentar esta etapa de realização de um grande trabalho científico assim como é o Trabalho de Conclusão de Curso, carregado de pressão, stress, angústias e satisfação quando há o reconhecimento do próprio aluno de que o esforço valeu à pena. Contudo, o alcance da satisfação de dever cumprido (com louvor) e a superação de cada uma das etapas críticas acima mencionadas só foram possíveis pela existência de uma pessoa tão especial quanto este marco em minha vida universitária. Este trabalho só foi possível pelo apoio, pela paz trazida nos momentos de angústia e pela força nos momentos de fraqueza apresentados a mim por alguém que em todo momento acreditou que este trabalho daria certo. Agradeço a você Jéssica Furginele Lentini por ter estado ao meu lado em todos os momentos .

Agradeço a todos os meus amigos e futuros colegas de profissão por todos os debates, conversas, conselhos, indicações de leitura que, de uma forma ou de outra, ajudaram a agregar valor a este trabalho.

Agradeço a minha família pela compreensão, apoio, e pelo exemplo de determinação.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Paola Espósito de Moraes Almeida que me ajudou de forma crucial ao longo da execução do exercício de análise dos relatos me direcionando para o cumprimento fiel dos conceitos acerca da Análise do Comportamento. Pela disponibilidade em ser a parecerista deste trabalho e pelos ensinamentos adquiridos em suas aulas ao longo desses cinco anos de graduação.

RENAN NOBRE FLORIANO: Ronaldo, O Fenômeno. Motivação e Autoestima no processo de lesão e reabilitação sob o prisma da Análise do Comportamento **Abordagem:** Análise do Comportamento. 2012

Orientador: Sérgio Wajman

Palavras chave: autoestima, motivação, lesão desportiva, psicologia do esporte, análise do comportamento.

RESUMO

Os atletas profissionais de futebol, no momento da lesão, carregam consigo, além da dor física, impactos no comportamento esportivo que influenciam a trajetória da carreira durante sua vida profissional. Quando um atleta se lesiona, comportamentos são modificados por conta, não apenas da limitação física imposta pela lesão, mas também por mudanças contextuais (contingências) que podem verificar alterações na autoestima e na motivação.

Partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Comportamento, mais especificamente do Behaviorismo Radical de Skinner, este trabalho buscou investigar como a autoestima e a motivação são vivenciadas por atletas de futebol profissional nas etapas do processo de lesão/reabilitação, etapas estas tomadas como ambientes constituídos por variáveis influentes no comportamento esportivo de cada atleta encontrado nesta condição de lesão, como também buscou-se refletir a respeito de que variáveis os comportamentos de alta ou baixa autoestima e motivação seriam função ao longo do processo de recuperação de um atleta de futebol profissional. Tomamos como base de análise de dados os relatos de um importante jogador que em sua carreira passou por lesões significativas e obteve grande sucesso em suas recuperações, Ronaldo, o Fenômeno.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 - Escolha do Tema	1
1.2 - Um Breve Retrato - Trajetória Profissional	2
1.3 - O caminho da Psicologia do Esporte: Construção histórica	3
1.4 - O que é a Psicologia do Esporte (PE) e qual seu papel	8
1.5 - O Esporte e a Análise do Comportamento (AC)	11
1.6 - Definição do problema	13
2. CONCEITUAÇÃO	14
2.1 - Autoestima	14
2.2 - Sentimento	15
2.3 - Motivação	16
2.4 - Operações Motivacionais (incondicionadas, condicionadas, estabelecedoras e supressoras)	19
2.5 - Privação e Saciação	19
2.6 - Comportamento operante	20
2.7 - Reforçamento Positivo	20
2.8 - Reforçamento negativo	21
2.9 - Fuga e Esquiva	21
2.10 - Modelagem	22
2.11 - Punição	22
2.12 - Timeout	23
2.13 - Comportamento Verbal	23
2.14 - Contingência	24
2.15 - Evento Público e Privado	24
2.16 - Análise Funcional	25
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: VISÃO TRADICIONAL DA PSICOLOGIA VERSUS VISÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	26
4. MÉTODO	36
5. DESENVOLVIMENTO	37
5.1 - Breve Recorte do histórico de lesões de Ronaldo	37
6. HIPÓTESES	56
7. DISCUSSÃO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	84
I. Entrevistas	84
II. Biografia	87

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

- *Tabela 01 - hipótese de análise funcional 1* 28
- *Tabela 02 - hipótese de análise funcional 2* 30
- *Tabela 03 - hipótese de análise funcional 3* 45
- *Tabela 04 - hipótese de análise funcional 4* 47
- *Tabela 05 - hipótese de análise funcional 5* 49
- *Tabela 06 - hipótese de análise funcional 6* 52
- *Tabela 07 - hipótese de análise funcional 7* 54
- *Tabela 08 - hipótese de análise funcional 8* 55

- *Gráfico: Autoestima e Motivação X Etapas do processo de lesão –
reabilitação*..... 58

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Escolha do Tema

O tema a ser aqui estudado surgiu do interesse em pesquisar algo que fez parte de minhas experiências vividas no esporte, mais especificamente, no futebol, bem como pela identificação e empatia com a relação entre aspectos psicológicos (que serão analisados sob a visão da Análise do Comportamento) atuantes em situações de fracasso e sucesso, aqui traduzidos em momentos vivenciados por atletas profissionais no ato da contusão, durante o processo de recuperação e após o processo de reabilitação motora. Vale a pena ressaltar que esse interesse foi o grande motivador no que diz respeito à escolha da psicologia como área de atuação e como profissão a ser exercida. A grande experiência e vivência na área do esporte fez despertar, em mim, a vontade de estudar aspectos psicológicos que antes eram tomados como indagações, angústias e curiosidades e que hoje, com embasamento teórico e com a possibilidade de investigá-los tendo como apoio os conhecimentos adquiridos no processo de graduação de psicologia, mais especificamente, aqueles provenientes da Análise do Comportamento, justificam a relevância tanto pessoal quanto profissional do trabalho aqui presente. Portanto, este trabalho carrega, em si, grande identificação, motivação e expectativa em relação à investigação do tema abordado.

1.2 - Um Breve Retrato - Trajetória Profissional

A experiência de mais de 14 anos nos campos de futebol me dá condições para falar humildemente de minha trajetória no campo esportivo como atleta amador e profissional de futebol. Esse relato traz a importância de deixar registrada e arquivada uma experiência que carregou em si expectativas, ilusões, frustrações e a vontade de concretização de um sonho de me tornar um atleta de futebol profissional masculino reconhecido que, nessa área, é de tão difícil conquista.

O pontapé inicial de minha carreira se deu aos 7 anos de idade, assim como a maioria das crianças, brincando de jogar bola na rua, em meu antigo bairro. Com habilidades observadas pelo meu pai, o mesmo me matriculou em uma escolinha de futebol, em 1994. Dos 7 aos 11 anos, fiz aulas de futebol em algumas escolinhas espalhadas por São Paulo. Aos 12 anos iniciei minhas tentativas de ingressar em um grande clube da capital, e o primeiro a ser escolhido foi o São Paulo Futebol Clube. Fiquei no São Paulo em torno de 1 semestre, em meio a testes e avaliações. Posteriormente fui tentar o ingresso na Portuguesa de Desportos e por lá fiquei por um ano. Em seguida fui para a Sociedade Esportiva Palmeiras, onde permaneci por 3 anos, atuando nas categorias, Juvenil, Juniores e Profissional.

Assinei meu primeiro contrato como profissional no Palmeiras, onde disputei alguns campeonatos de grande repercussão, como o Campeonato Paulista (Categorias juvenil e juniores) e Copa São Paulo de Futebol Júnior. Foi lá que vivenciei minhas principais lesões esportivas como estiramento de coxa, lesão de menisco e patela e o rompimento dos ligamentos do tornozelo.

Todas as lesões aconteceram em momentos decisivos referentes aos campeonatos, como a disputa por uma vaga no time e, sobretudo em

momentos que precediam a competição de maior repercussão da categoria de Futebol Júnior, a Copa São Paulo.

Em suma, todas as lesões me trouxeram impactos comportamentais relacionados à minha autoestima, motivação e autoconfiança. O impacto de uma lesão pode causar frustração e desânimo, pois ela acaba, momentaneamente ou até mesmo definitivamente, com a possibilidade de conquista de um objetivo ou de um sonho.

1.3 - O caminho da Psicologia do Esporte: Construção histórica

A breve descrição histórica da Psicologia do Esporte aqui apresentada tem como apoio bibliográfico, os livros de Katia Rubio, psicóloga, professora universitária e ex-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (2005 - 2009).

Segundo a autora, a história da Psicologia do Esporte começou a ser desenvolvida a partir do final do século XIX e início do século XX, na Rússia e Estados Unidos, e no Brasil a partir da década de 1958.

Fazendo, primeiramente, um pequeno recorte do construto histórico da Psicologia do Esporte nos Estados Unidos, é atribuído a Norman Triplett o pioneirismo na área, pois ele foi quem iniciou a jornada através do estudo comparativo de desempenho de ciclistas que atuavam em duplas em comparação àqueles que atuavam de forma individual na modalidade. Apesar do estudo feito por Triplett, a Psicologia do Esporte só veio ganhar força e notoriedade por meio daquele que é considerado o pai da Psicologia do Esporte, Coleman Griffith, que escreveu dois livros – “Psicologia de Técnicos”

em 1926 e “Psicologia de Atletas” em 1928 - e é o fundador do primeiro laboratório de Psicologia do Esporte na Universidade de Illinois.

Já na década de 1960, a Psicologia do Esporte, passa a ter maior consolidação, tanto por conta de estudos relacionados à pesquisa quanto por uma organização institucional da área, isto é, estudos sobre personalidade e a busca por instrumentos que fossem fidedignos e compatíveis ao método científico conferiram à Psicologia do Esporte um caráter científico. Nesse mesmo momento, a formação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) em 1965, foi um grande marco para a área, além de sua criação ter facilitado a organização e criação da Sociedade Americana para a Psicologia do Esporte e Atividade Física (NASPSPA) o que implicou tanto em importância acadêmica quanto profissional, justamente por coligar estudiosos interessados no desenvolvimento da aprendizagem motora e da Psicologia do Esporte.

Na década seguinte a Psicologia do Esporte foi reconhecida como disciplina no âmbito das ciências do esporte, muito por responsabilidade de estudiosos que tiveram veemência em realizar pesquisas de forma sistemática enfatizando estudos com caráter experimental. Vale destacar que ainda nessa época a Psicologia do Esporte passava por incertezas quanto a qual deveria ser o conhecimento básico dessa disciplina. Contudo, é inegável a influência exercida por outras vertentes da psicologia. Nesse sentido, influências de enfoque cognitivista, bem como provenientes de outras perspectivas serviram de embasamento para Psicologia do Esporte na década de 1980.

Ainda nos anos de 1980, houve importante conquista da Psicologia do Esporte, que foi a criação da Associação para o Progresso da Psicologia do

Esporte (AAASP) que dentre outros propósitos, apontava critérios éticos na área para a profissão, psicólogo do esporte.

Ao mesmo tempo, o processo histórico do desenvolvimento da Psicologia do Esporte se dava na União Soviética.

Os primeiros rumores que apontavam para a Psicologia do Esporte, no leste europeu, advinham das antigas nações pertencentes ao então bloco soviético, isto é, naquela época abordava-se temas como o do alto rendimento de atletas e, por conta desse interesse, o papel desempenhado por psicólogos do esporte ganhou destaque ativo nas etapas de seleção, treinamento e preparação para competições de atletas. A enfática atuação desses psicólogos está relacionada a aspectos políticos da época, como os resultados em Jogos Olímpicos que serviam como uma forma de comparar as realizações entre o bloco capitalista e comunista.

Na década de 1920, em Moscou, na Rússia, psicólogos realizaram os primeiros trabalhos em psicologia no Instituto Cultura Física, na União Soviética, fato esse considerado o marco para a Psicologia do Esporte na antiga União Soviética.

Alguns aspectos históricos foram importantes para o desenvolvimento e direcionamento de técnicas psicológicas atribuídas ao desempenho dos atletas, como por exemplo, na década de 1950, com o programa espacial, a investigação do uso de ioga pelos cientistas, como forma de controlar processos psicofisiológicos. Nas décadas de 1980 e 1990, esses procedimentos tiveram validade também para atletas, desdobrando técnicas que pudessem ser utilizadas no controle de funções corporais, incluindo, entre outras, controle das reações emocionais em situação de estresse.

O apoio e a intervenção governamental na busca pela obtenção da maximização de rendimento de atletas foram pontos críticos no que diz respeito ao desenvolvimento da Psicologia do Esporte no leste Europeu.

Em solo brasileiro a Psicologia do Esporte é apresentada como emergente e como uma área nova de atuação para o campo da psicologia. Apesar de ser vista como emergente, a Psicologia do Esporte tem seus primeiros registros, no Brasil, apontando para meados do século passado, na década de 1950, a partir da Copa do Mundo de 1958, com o pioneirismo do psicólogo João Carvalhaes, que além de ter realizado trabalho com atletas, também trabalhou com juizes de futebol na Federação Paulista de Futebol e, posteriormente, com a atuação do psicólogo Athayde Ribeiro junto à seleção brasileira de futebol profissional na Copa de 1962. Ambos psicólogos produziram trabalhos escritos com destaque para o primeiro livro de Psicologia do Esporte brasileiro escrito por Athayde Ribeiro. Esses aspectos fomentam o terreno da Psicologia do Esporte ampliando sua notoriedade nacional.

Embora os primeiros indícios apontem para década de 1950, a Psicologia do Esporte começa a ganhar notoriedade efetiva a partir da década de 1990 com convocações de psicólogos para atuarem em seleções nacionais, com maior destaque dado à atuação na seleção de futebol. Isso se deve muito ao dinamismo verificado ao esporte do século XX, isto é, um maior profissionalismo, maior evidência global, com aprimoramentos cada vez maiores de aspectos técnicos, físicos e psicológicos e com maior envolvimento político e econômico atrelados ao esporte, ou seja, a maior cobrança por resultados e por altos rendimentos, fez com que o esporte buscasse alternativas que contribuíssem para a conquista desses objetivos.

Desde o século XX, a presença da psicologia no campo do esporte tem sido enfática, muito por conta de modificações no que diz respeito ao imaginário do fenômeno esportivo da atualidade, isto é, a mercantilização do esporte redirecionou as premissas quanto aos resultados de competições e exigência física, técnica e psicológica, tornando-o muito mais competitivo do que antigamente. Rubio (2010) entende que essas mudanças no cenário esportivo sofreram influência das transformações socioculturais ocorridas ao longo do século XX, absorvendo princípios que regem a sociedade capitalista. Em outras palavras, é possível afirmar que o esporte contemporâneo passou a ser visto como um produto, com o qual é possível ganhar e perder muito dinheiro, fato esse ligado à obtenção de resultados, maior ou menor exposição de clubes, patrocinadores e atletas no cenário nacional e internacional.

Dessa maneira, a cobrança e exigência por alto desempenho e obtenção de resultados que abrange uma busca incessante de vitórias, superação e quebra de recordes traz consigo não somente êxitos, mas também traz baixa aos atletas.

O dinamismo, a evidência mundial e os fatores econômicos e políticos envolvidos no esporte contemporâneo faz em emergir dois pólos com os quais o atleta em sua subjetividade deve lidar: por um lado, com a cobrança por alto desempenho e superação de recordes; e por outro, com a questão das lesões decorrentes de esforços despendidos com o intuito de se chegar e ultrapassar os melhores desempenhos e marcas individuais e coletivas.

1.4 - O que é a Psicologia do Esporte (PE) e qual seu papel

Sendo assim, nesse contexto, qual seria a real importância da psicologia para o esporte? Quais seriam as contribuições que ela poderia oferecer para atletas, técnicos, juizes e a todos que fazem parte do cenário esportivo? A prática psicológica contribuiria para a alçada e superação de recordes e marcas? A Psicologia do Esporte estaria imbuída no processo de lesão – reabilitação?

Essas perguntas de certa maneira ajudam a construir o conceito daquilo que hoje se define Psicologia do Esporte (PE). Atualmente, ela é vista por uns como uma das vertentes da psicologia e por outros como uma disciplina da ciência do esporte mas, no entanto, sua emancipação já fora concretizada, sendo considerada atualmente como uma disciplina autônoma, com diretrizes e perspectivas próprias. De acordo com Samulski (2009) a PE já consolidou teorias, métodos e programas de treinamento próprios. Ainda esse autor define a PE como disciplina que se encarrega da análise dos processos psíquicos que atuam nas ações esportivas e também nas modificações dos fundamentos psicológicos. Nessa mesma linha de pensamento, Nitsch *apud* Samulski (2009) enfatiza a atuação da PE na análise dos processos psíquicos básicos como a cognição, motivação e emoção e na realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção. A importância da atuação do profissional da psicologia na área da ciência do esporte está pautada em todos os processos que envolvem aspectos psicológicos nas práticas de atividades físicas.

O campo (esportivo) que se apresenta para a atuação do psicólogo é vasto, podendo ser estudadas questões que vão desde processos psicológicos e comportamentais envolvidos na prática do esporte propriamente dita, como o momento de uma partida, até questões que circunscrevem a carreira do atleta,

tais como isolamento, concentração, separação da família (pensando no atleta de elite), lesões, convivência em grupo, mudança da realidade quanto à ascensão sócio econômica, fama, bem estar, equilíbrio psíquico e emocional entre outros. A prática da Psicologia do Esporte não se restringe apenas aos atletas que atuam profissionalmente sempre em busca do rendimento limite, mas sim se estende a todos que participam da prática esportiva como salientam Weinberg & Gould (1999), que afirmam que o psicólogo do esporte deve atender os atletas de elite e os atletas com algum tipo de limitação física ou psíquica, crianças, pessoas de terceira idade que praticam atividade esportiva.

O esporte – espetáculo carrega em seu bojo a grande divulgação, por meio da mídia, de atletas talentosos tidos como grandes ídolos e estrelas, especialmente no mundo do futebol, que são vistos como heróis, e que carregam consigo (especialmente em épocas de copa do mundo) as expectativas de glória e êxito de toda uma nação e, juntamente com as expectativas, a pressão intensa e uma autoexigência que por vezes pode acarretar lesões de natureza física e psíquica. Quem não se lembra da “convulsão” (crise nervosa) do Ronaldo, o Fenômeno na Copa de 1998, na França, no jogo em que o título estava em jogo? Em uma reportagem veiculada pela revista VEJA (de 22 de julho de 1998, edição 1556) o caso foi tratado como estresse decorrente de exigências externas ou internas insuportáveis, ou seja, a alta pressão direcionada aos atletas pode acarretar lesões tanto físicas quanto psicológicas. Recentemente vimos, na Copa da África do sul de 2010, a lesão do jogador brasileiro Elano em uma jogada disputada com o jogador Tioté no jogo do Brasil contra a Costa do Marfim que acabou por tirá-lo da Copa do mundo. Segundo os meios de comunicação, o jogador brasileiro, no

momento da lesão pensou que havia quebrado a perna mas, no entanto, Elano manteve as esperanças de se recuperar a tempo e voltar a campo. Com isso pode-se perceber que em situações diferentes, o objetivo que move o atleta varia de acordo com suas chances de alcançá-lo. Apesar de estar lesionado, Elano manteve sua motivação redirecionando-a para sua recuperação, apoiada em suas expectativas em conseguir voltar a jogar outros jogos (importantes) na Copa pelo Brasil.

Esses são alguns exemplos de baixas esportivas que configuraram perda de repertório comportamental em relação à prática do futebol e mudanças de contingências esportivas que acometeram atletas de futebol profissional masculino nos últimos tempos.

A lesão para o atleta pode representar vários significados dependendo do tipo da lesão (leve, moderada ou grave), e do tempo de recuperação (esforço despendido para sua reabilitação) que acabam, em certa medida, influenciando sua motivação e autoestima.

Alguns autores postulam reações psicológicas / emocionais que são verificadas em atletas após a lesão esportiva. De acordo com o modelo de Grief Reaction, proposto por Kübler-Ross (Samulski, 2009), o atleta, ao se lesionar passa por cinco estágios que permeiam a situação da lesão esportiva: Negação, Raiva, Barganha, Depressão e Aceitação e Reorganização. Os aspectos psicológicos ligados à autoestima e motivação atuantes nesses cinco estágios podem tomar diferentes formas. De acordo com Samulski (2009), a negação se caracteriza para o atleta como uma não aceitação da importância da lesão; a Raiva pode tomar conta do atleta deixando-o mais agressivo com as pessoas à sua volta, o que de certa forma pode ser compreendido como uma compensação daquilo que o atleta está passando (sentimento de injustiça;

“por quê comigo”); Barganha e ou negociação, o atleta passa a ver possibilidades de recuperação e é nesse momento que a racionalidade se faz presente; Depressão, momento em que o atleta tem a consciência de falta de possibilidade de participação esportiva reconhecendo a lesão e suas consequências; Aceitação e Reorganização, o atleta passa a estar pronto para o processo de recuperação e reabilitação. O atleta, ao passar por esse modelo de reação psicológica à lesão, pode ter alterada sua motivação e autoestima. Johnston & Carrol (1998), mostraram que algumas reações emocionais, como a frustração e a depressão, são as mais comuns em atletas lesionados. Assim como também, a ansiedade e a redução da autoestima estariam presentes no momento da lesão (Leddy et al *apud* Samulski, 2009).

1.5 - O Esporte e a Análise do Comportamento (AC)

A Análise do Comportamento, diferentemente de outras abordagens da psicologia, concebe seu objeto de estudo, o comportamento, como observável e mensurável, em detrimento de construtos como inconsciente e psique, para explicar o funcionamento do Homem e por acreditar que o comportamento não é causado por instâncias da mente e sim por eventos antecedentes e consequentes (do ambiente) que aumentam ou diminuem a probabilidade da frequência de um comportamento ocorrer novamente.

Apoiada nos conceitos de seu maior representante, Skinner, a Análise do Comportamento, em âmbito esportivo, visa trabalhar com questões referentes à modificação de comportamentos de todos aqueles que no esporte estão envolvidos, desde o técnico até o jogador. Segundo Cillo (2007), a Análise do Comportamento aplicada ao esporte, balizada em seu aspecto experimental,

busca mensurar o comportamento de participantes, técnicos e atletas, bem como as variáveis que controlam seus comportamentos, não se restringindo a uma simples descrição comportamental, mas se preocupando também com a melhora da qualidade dos desempenhos esportivos, assim como com a interação entre os envolvidos.

Nessa mesma linha de raciocínio, Martin & Hrycaiko (1983) afirmam que princípios comportamentais básicos como extinção, reforçamento, contingências etc., têm sido utilizados por profissionais que atuam no campo esportivo como metodologia para trabalhar estratégias de análise de comportamentos que envolveriam, entre outros, técnicas de reforçamento para manutenção de desempenhos desejáveis e técnicas de generalização programada para novos ambientes.

A área de atuação do analista comportamental esportivo se estende para aspectos da motivação e reabilitação como mostra Cillo (2007) que, tomando como apoio a literatura de Garry Martin, afirma:

(...) Na área esportiva, o uso de técnicas comportamentais estende-se desde tornar o ambiente da prática mais reforçador (“aumento de motivação”) para os participantes até o aperfeiçoamento de desempenho nos esportes de alto rendimento. Outros trabalhos abrangem a prática física e esportiva para fins de reabilitação, saúde (obesidade e diabetes) e formação ou aprendizagem. (Cillo, 2007, p.91).

Portanto, considerando os pressupostos acima mencionados, a leitura que será feita do estudo dos aspectos comportamentais ligados à autoestima e motivação terá, como suporte teórico, a visão da Análise do Comportamento.

1.6 - Definição do problema

No intuito de elucidar os aspectos comportamentais relacionados à lesão esportiva, dar-se-á maior ênfase a conceitos que a experiência demonstrou estarem ligados ao processo de recuperação, tais como autoestima e motivação, partindo do pressuposto de que esses conceitos, de alguma forma, estão envolvidos no processo lesão – reabilitação. Sendo assim, o presente estudo está voltado ao pólo das lesões e ao processo de reabilitação, bem como apoiado na análise dos relatos enunciados por um dos melhores centroavantes da história do futebol mundial, Ronaldo, o Fenômeno que por tanto tempo se manteve na prática do futebol de alto nível apesar de suas lesões. Desta maneira, buscou-se investigar os possíveis fundamentos relacionados à autoestima e à motivação e as variáveis das quais esses comportamentos são função.

Em face dos poucos estudos realizados em solo brasileiro sobre os fatores comportamentais que congregam o processo de lesão – reabilitação esportiva por atletas de futebol profissional e a pouca notoriedade dada a essa área de atuação do psicólogo, justifica-se a realização da presente proposta de pesquisa e análise.

2. CONCEITUAÇÃO

2.1 - Autoestima

A autoestima, estado corporal, tem em sua gênese a questão do reforço social, isto é, ela pode surgir a partir do momento em que um determinado comportamento é reforçado (positiva e socialmente) através da atenção, carinho, sorriso, elogio, etc., ou por um estímulo aversivo / consequência negativa, como uma crítica ou repreensão.

Guilhardi (2002), ao discorrer acerca da autoestima, salienta que além do aspecto social inculcado na história de um reforçamento positivo, em que a pessoa tem seus comportamentos reforçados pelo outro, afirma que a manutenção da autoestima está intimamente ligada à questão do aprendizado do indivíduo (com o outro) do autoreconhecimento e observação de comportamentos e suas consequências reforçadoras positivas que eles produzem. Para a manutenção e desenvolvimento da autoestima é necessário e indispensável a imersão no contexto social, sendo que o desenvolvimento, segundo o autor, é proporcional à capacidade do meio social de prover reforçadores positivos.

Ainda nessa linha de raciocínio, o autor diz que situações que apresentam punições, contingências coercitivas e muito intensas não contribuem para o desenvolvimento da autoestima o que vai ao encontro do desenvolvimento permeado por contingências reforçadoras sociais positivas. Guilhardi (2002) conclui caracterizando que a autoestima tem relação com a possibilidade da pessoa sentir-se livre, amada e de apresentar criatividade.

Não obstante, a autoestima, segundo esse mesmo autor, é caracterizada como um sentimento pela Análise do Comportamento, a qual faz referências a

estados corporais relacionados com eventos ambientais de caráter físico e social em detrimento da concepção de estar relacionada a manifestações da mente do indivíduo.

Skinner (2002) complementa destacando que a autoestima é um processo que ocorre em uma cultura que valoriza e recompensa seus participantes por estes realizarem coisas úteis e interessantes, cujo comportamento é positivamente reforçado gerando condições corporais valorizadas pela própria pessoa.

2.2 - Sentimento

A análise do comportamento compreende o sentimento como manifestações do funcionamento interno do corpo (respondentes / autonômicas) como também sendo manifestações (operantes) comportamentais (falar, gesticular, gritar, correr, etc). Segundo Guilhardi (2002), tanto o comportamento quanto o sentimento são produtos de história genética e ambiental em um contexto vigente.

A comunidade social e verbal assume papel importante na questão do reconhecimento do sentimento. Guilhardi (2002) afirma que tanto a comunidade social quanto a comunidade verbal, onde o indivíduo está inserido, é quem ensina seus membros, por meio do uso de palavras, a se referirem as manifestações corporais denominando assim, os sentimentos de raiva, alegria, tristeza, autoestima, ansiedade, etc (tais sentimentos recebem nome convencionalizado pelo grupo social). O autor chama atenção para o fato de que, para nomearmos o sentimento, devemos levar em consideração o contexto no

qual se dá o evento ambiental, isto é, conhecer o contexto no qual o indivíduo se comporta.

Há uma diferença importante na concepção deste termo por parte dos analistas do comportamento e por parte de outros profissionais de outras abordagens da psicologia.

Para Análise do Comportamento os sentimentos não possuem característica causal (não são eles que provocam o comportamento), mas são produzidos por contingências de reforçamento, isto é, os sentimentos são produzidos, concomitantemente com os comportamentos, por eventos ambientais antecedentes.

2.3 - Motivação

Alguns autores, da psicologia tradicional e não behaviorista, apontam a motivação como sendo algo que impulsiona (impulso interior) o indivíduo a buscar suas metas pré-estabelecidas, metas essas consideradas peculiares e que lhe conferem recompensas. Segundo Martin e Pear (2009) a visão tradicional da motivação está ligada à concepção deste fenômeno como sendo alguma “coisa” em nosso interior que causa nossas ações. Não obstante afirmam que muitos textos de psicologia descrevem a motivação como o estudo de tendências, necessidades e desejos internos que causam nossas ações. Os mesmos autores, apoiados nos pressupostos da Análise do Comportamento, criticam a visão tradicional dizendo que há limitações práticas referentes à conceituação do termo em destaque, isto é, a explicação da motivação repousada em causas internas pode obscurecer princípios ligados à alteração do comportamento, os quais podem modificar comportamentos de

maneira eficaz. Além disso, a visão tradicional pode acarretar a questão de se responsabilizar o indivíduo por desempenhos deficitários, ao invés de tentar ajudar o indivíduo a melhorar seu desempenho. E por fim, os autores criticam dizendo que a visão tradicional acerca da motivação pode levar algumas pessoas a se responsabilizarem por não conseguirem emitir comportamentos diversos, os quais elas gostariam de enunciar.

Para abordarmos o termo motivação na Análise do Comportamento devemos salientar que tal perspectiva não assume uma postura mentalista frente a esse fenômeno, o que significa que o uso de termos como impulso interno e estância psíquica não são utilizados como causadores do comportamento. Sendo assim, a motivação sob o olhar da Análise do Comportamento está inserida no contexto de variáveis de controle das quais o comportamento é função. Segundo Martin *apud* Lott (2004), a motivação pode ser concebida como um adjetivo relacionado a padrões de comportamentos em detrimento a um substantivo que sugere uma causa do comportamento. Ratificando o distanciamento referente às concepções do termo motivação, o mesmo autor complementa dizendo que a motivação está ligada a contingências ambientais relativas ao comportamento e não dentro do indivíduo.

Skinner (2007) sob a mesma linha de pensamento corrobora dizendo que:

O hábito de buscar dentro do organismo uma explicação do comportamento tende a obscurecer as variáveis que estão ao alcance de uma análise científica. Estas variáveis estão fora do organismo, em seu ambiente imediato e em sua história ambiental. (Skinner, 2007, p. 33).

A partir desses esclarecimentos podemos iniciar a construção do conceito em questão, focando na relação entre o indivíduo e o ambiente como fatores influentes no padrão de comportamento denominado motivação.

Aprofundando um pouco mais o conceito, Miguel (2000) menciona motivação como sendo uma questão que ele chama de “o problema do querer” (não querer fazer algo) onde é relacionada com a falta de reforçamento disponível para que o comportamento ocorra. O mesmo autor diz que essa concepção de certa forma não atinge amplamente a questão da motivação, isto é, a questão dos reforçamentos é insuficiente para dar conta de todos os problemas da motivação. Nesse sentido, muitos problemas não estariam relacionados à falta de consequência apenas, mas sim a ineficácia de tais consequências.

Para maior elucidação da motivação na Análise do Comportamento, o conceito de Operações Estabelecedoras é utilizado como conceito importante para o entendimento da motivação. É definido, segundo Miguel (2000) como: “Eventos ambientais que alteram a efetividade reforçadora de um estímulo, assim como evocam todo o comportamento que, no passado, foi seguido por tal estímulo” (Miguel, 2000, p.259).

Para esse autor a definição de motivação em Análise do Comportamento se refere exatamente ao conceito das operações estabelecidas.

Autores como Martin e Pear (2009), falam a respeito do conceito de motivação (operação motivadora), segundo a visão comportamental, como sendo um tipo de manipulação ambiental antecedente (de estímulos, reforçadores, por exemplo). Essas operações motivadoras serão definidas, segundo eles, como operações motivacionais.

2.4 - Operações Motivacionais (incondicionadas, condicionadas, estabelecedoras e supressoras)

Segundo Martin e Pear (2009), as Operações Motivacionais (OM) são variáveis do ambiente que afetam a probabilidade de ocorrência do comportamento, bem como sua direção. Nesse contexto, tanto a privação quanto a saciação são condições que alteram temporariamente a eficácia de um reforço como também, alteram a frequência do comportamento reforçado por aquele reforço. Seguindo os pressupostos de Martin e Pear (2009), os autores discorrem, ainda, acerca de Operações Motivacionais Incondicionadas (OMI) que são caracterizadas por eventos geneticamente determinados, cujo valor da consequência é inato; Operações Motivacionais Condicionadas (OMC) que alteram a eficácia de consequências como reforçadores ou eventos punitivos, em virtude da aprendizagem anterior; Operações Motivacionais Estabelecedoras (OME) que aumentam a eficácia de uma consequência como reforçador; Operações Motivacionais Supressoras (OMS) que são caracterizadas pela diminuição da eficácia de uma determinada consequência que tem caráter reforçador.

2.5 - Privação e Saciação

Para a Análise do Comportamento, o termo privação está diretamente ligado à questão do tempo referente ao qual o sujeito não teve acesso ao reforço. Já o termo saciação refere-se justamente à exposição/experimentação por muitas vezes do reforço por parte do indivíduo. Segundo Martin e Pear (2009) ambos termos estão relacionados com a definição do conceito de operações motivacionais (OM).

2.6 - Comportamento operante

Este conceito é definido como todo comportamento que atua no ambiente produzindo consequências que, por sua vez, retroagem sobre o comportamento emitido. Martin (2009) elucida esse termo dizendo que é caracterizado como comportamentos que operam no ambiente para gerar consequências, as quais influenciam os comportamentos emitidos.

2.7 - Reforçamento Positivo

A definição de reforçamento positivo é caracterizada como um acontecimento, situação, ou evento que ocorre logo após um comportamento emitido por um sujeito, fazendo com que tal comportamento seja aumentado em sua frequência de ocorrência ou sua probabilidade. Em outras palavras, Martin (2009) afirma que o reforçamento positivo é caracterizado, em determinada situação, quando alguém faz alguma coisa (se comporta) que é de imediato seguida por um reforçador positivo (definição próxima da palavra recompensa) e então essa pessoa tem maior probabilidade de se comportar da mesma maneira novamente quando se deparar numa situação semelhante.

Skinner (2007), em *Ciência e Comportamento Humano*, exemplifica bem o que é o reforçamento positivo que é a apresentação de estímulos como o alimento, a água à situação.

2.8 - Reforçamento negativo

O reforçamento negativo segue o mesmo princípio do reforçamento positivo no que diz respeito ao aumento de probabilidade e frequência de ocorrência do comportamento (fortalecimento de resposta). Ele apenas se difere por ser caracterizado pela retirada de um estímulo aversivo do ambiente. Martin (2009) afirma que no reforçamento negativo: “(...) termo negativo indica que o efeito fortalecedor ocorre porque a resposta leva à remoção (isto é, à retirada ou subtração) de um estímulo aversivo”. (Martim, 2009, p.192).

Skinner (2007), ao falar desse conceito, exemplifica dizendo que os eventos reforçadores (reforçamento negativo) consistem na remoção de alguma coisa – por exemplo, remoção de calor ou frio extremos.

2.9 - Fuga e Esquiva

O condicionamento por fuga é análogo ao reforçamento negativo. Para maior esclarecimento, cabe diferenciar o que é um comportamento de fuga e o que é um comportamento de esquiva. O comportamento de fuga ocorre quando é apresentado um estímulo aversivo (antes da resposta de fuga) a um indivíduo o qual emite uma resposta (cuja ocorrência aumentará) com a finalidade de retirar ou remover o estímulo aversivo. Martin (2009) exemplifica com determinada situação:

Quando uma sala está muito fria, fugimos da baixa temperatura vestindo um agasalho. Quando está muito quente, fugimos do calor ligando um ventilador ou o ar condicionado. Se uma equipe de trabalhadores está consertando a rua em frente ao seu quarto, você pode fechar a janela e fugir do ruído. (Martin, 2003, p.193).

Já o comportamento de esquiva, segundo Martin (2009) tem como princípio a evitação do estímulo aversivo, isto é, o estímulo aversivo não está presente, pois o comportamento ocorre antes da apresentação do estímulo aversivo, aumentando a frequência de ocorrência do comportamento. Em outras palavras, o comportamento de esquiva evita totalmente a apresentação do estímulo aversivo.

2.10 - Modelagem

Para a Análise do Comportamento a modelagem tem a acepção relacionada à aquisição de um novo comportamento através da apresentação de “pequenas” respostas reforçadas sucessivamente que conduzem à obtenção da resposta “maior” que é a resposta de fato desejada. Consoante com os autores Martin e Pear (2009) a modelagem é um procedimento utilizado para instalar e ou desenvolver uma resposta que o organismo nunca emitiu através do reforço sucessivo de respostas que conduzem a resposta ou o comportamento final e extinguindo as respostas anteriormente emitidas

2.11 - Punição

A punição está diretamente ligada à redução da frequência de um comportamento específico. Consoante Martin e Pear (2009) a punição se caracteriza como a aplicação ou apresentação imediata de uma consequência ao comportamento cujo efeito é a redução da probabilidade de novas ocorrências do comportamento punido.

2.12 - Timeout

Martin e Pear (2009) definem timeout como o deslocamento de um organismo (sujeito) de um ambiente cuja contingência é reforçadora para um outro ambiente caracterizado por uma contingência menos reforçadora.

2.13 - Comportamento Verbal

O comportamento verbal é um comportamento operante (isto é, atua no ambiente produzindo consequências) de um indivíduo, cujo objetivo é provocar mudanças no mundo através do comportamento do outro, isto é, é necessária a mediação de outro organismo para que o comportamento verbal provoque alterações no ambiente. Para isso, é necessário o treinamento deste organismo (ouvinte) feito pela comunidade verbal, ou seja, a este outro organismo deve ter sido ensinado o repertório cujas respostas reforçam o falante. O reforçamento do comportamento verbal é indireto ao passo que o reforçamento do comportamento não verbal se dá de forma direta. Segundo Skinner (1992), o comportamento verbal é definido:

*(...) as the behavior of an individual which achieves its effect on the world through someone else's behavior. Its reinforcement is thus indirect, whereas nonverbal behavior achieves its effect by directly manipulating the environment. (...) the other person must have been taught the repertoire that reinforces the speaker because that repertoire facilitates such social control.*¹ (Skinner, 1992, p.VIII)

¹ Tradução livre: Como o comportamento de um indivíduo que atinge seu efeito sobre o mundo através do comportamento de alguém. O seu reforço é, portanto, indireto enquanto que o comportamento não-verbal atinge o seu efeito por manipular diretamente o meio ambiente. (...) A outra pessoa deve ter sido ensinada o repertório que reforça o falante, porque esse repertório facilita o controle social

Em relação ao ouvinte, Skinner (1992) salienta que este, no comportamento verbal, se encontra em uma condição especial que:

*(...) is the crux of the problem. Verbal behavior is shaped and sustained by a verbal environment – by people who respond to behavior in certain ways because of the practices of the group of which they are members. These practices and the resulting interaction of speaker and listener yield the phenomena which are considered here under the rubric of verbal behavior.*²
(Skinner, 1992, p. 226).

2.14 - Contingência

A relação entre o organismo (comportamento) e o ambiente (estímulos e consequências) caracterizam o termo contingência.

2.15 - Evento Público e Privado

Para definição desses conceitos, Skinner (2007) adefere como ponto central de distinção a acessibilidade, onde no evento privado o acesso é limitado, isto é, parte do universo / ambiente está encerrado dentro da própria pele de cada um, ao passo que o evento público é acessível a todos, ou seja, tanto a comunidade quanto o indivíduo têm acesso ao evento do ambiente. A definição fica mais clara à medida que Skinner afirma que a resposta de um indivíduo a qualquer evento privado, como uma dor de dente, é distinta da resposta de qualquer outro indivíduo, assim como é para todos os eventos privados. Skinner (2007) exemplifica afirmando que os eventos como a excitação

² Tradução Livre: É o ponto crucial do problema. O comportamento verbal é modelado e mantido pelo o ambiente verbal – por pessoas que respondem ao comportamento de certas maneiras, por causa das práticas do grupo do qual são membros. Essas práticas e a interação resultantes do falante e do ouvinte produzem os fenômenos que são considerados aqui sob a rubrica do comportamento verbal

emocional, bem como os estados de privação são únicos no sentido de serem inacessíveis aos outros, a exemplo disso temos a alegria, tristeza, amor, ódio e muitos outros eventos que fazem parte do universo que é particularmente definido como privado.

2.16 - Análise Funcional

Skinner define análise funcional do comportamento como, variáveis condições externas, das quais o comportamento é função.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: VISÃO TRADICIONAL DA PSICOLOGIA *VERSUS* VISÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.

Capítulo dedicado a um levantamento de pesquisa, busca de artigos que tenham como assunto principal aspectos relevantes que correspondam, minimamente, com o tema aqui trabalhado. Pesquisado por meio das seguintes bases de dados: através de artigos encontrados no Google acadêmico e no sistema de busca do Yahoo, com as seguintes palavras-chave: aspectos psicológicos em atletas, psicologia aplicada às lesões, psicologia e lesão esportiva, aspecto psicológico em atleta lesionado, lesão no futebol.

Nessa primeira etapa foi realizada uma revisão bibliográfica de pesquisas feitas na área da Psicologia Esportiva, as quais se apoiaram em preceitos da psicologia tradicional. Como forma de introduzir, o leitor, aos conceitos da Análise do Comportamento e de que maneira são aplicados, como também, já apresentá-lo ao estilo escolhido de condução das análises ao longo deste trabalho, foi realizado um contraponto entre psicologia tradicional e Análise do Comportamento, a qual nos dará todo suporte em termos de visão de homem e o apoio teórico como norteadores das interpretações das análises e levantamento de hipóteses.

Importante retomar aspectos de interpretação das duas vertentes, psicologia tradicional e Análise do Comportamento, no que diz respeito às causas do comportamento ligadas à autoestima e à motivação, em que aquela concebe como causas do comportamento as “forças internas”, por exemplo, sentimentos como a autoestima e motivação, e em contrapartida essa considera que as causas do comportamento estão no ambiente, isto é, os

comportamentos estão inseridos em contingências de reforçamento constituídas por variáveis como estímulos antecedentes e estímulos consequentes enfatizando a definição de que comportamento é relação entre o organismo e o ambiente.

Alguns estudos conjecturam que o momento psicológico vivenciado pelo atleta durante o período de jogo influencia diretamente a sua performance alterando aspectos psicológicos ligados à autoestima e à motivação do atleta. No estudo realizado por Corrêa et al (2002) que tinha como objetivo clarificar fatores que interferem na performance do atleta de futebol, evidenciou-se que o momento psicológico do atleta durante o jogo pode interferir em seu desempenho, assim como outros fatores externos a ele. O estudo cita que situações vividas no jogo como vantagem ou desvantagem no placar, superação sobre o adversário durante uma jogada, são exemplos que podem influenciar positiva ou negativamente o momento psicológico do atleta durante uma partida e conseqüentemente seu nível de motivação e autoestima que estão relacionados ao sucesso ou ao insucesso do atleta. O estudo foi realizado com jogadores, técnicos, ex-jogadores que citaram que há influência de aspectos psicológicos como o autocontrole, confiança na manutenção da performance, durante o jogo. Ainda sim, Corrêa et al (2002) explicitam alguns modelos de outros autores, que analisam a relação do momento psicológico com a performance. O modelo de Taylor e Demick (Corrêa et al, 2002) caracterizado como modelo multidimensional, postula que a performance pode ser analisada como uma sequência de fatos, isto é, há uma reação do atleta frente a um evento precipitado, na qual o atleta faz uma avaliação de sua performance em um determinado lance. Essa avaliação (positiva ou negativa) reincidirá no momento psicológico, ou seja, aumento ou diminuição da

autoestima, motivação, atenção concentrada, emoção durante o jogo. O estudo mostra, dentre outros dados, a influência de fatores psicológicos no desempenho do atleta durante uma partida de futebol. A motivação e a autoestima do atleta variam de acordo com o momento que este vive durante o jogo.

Dessa maneira, no estudo citado, fica clara a interferência de momentos positivos e negativos nos aspectos psicológicos dos atletas, ainda mais quando estes momentos se passam durante o jogo ou durante o treino, que é quando também existe a possibilidade de ocorrerem as lesões.

Para Análise do Comportamento as variáveis estímulos antecedentes como vantagem sobre um jogador, desvantagem no placar são eventos do ambiente que podem, dependendo da história de reforçamento de cada jogador, controlar a emissão de comportamentos esportivos considerados de alta ou baixa performance, e em paralelo pode alterar os estados corporais de autoestima e motivação. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 1 – hipótese de análise funcional 1

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Vantagem sobre o adversário	Ir em direção ao gol + elevação na autoestima + confiança	Reforçamento positivo: grito e incentivo da torcida
Desvantagem no placar	Maior esforço físico de correr para tomar a bola e leva-la ao gol. Comportamentos de esquiva da derrota + estado corporal de preocupação	Possível ausência dos eventos correspondentes a uma derrota de um jogo de futebol, como: críticas, pressão para vencer o próximo jogo, etc

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes e possíveis na contingência esportiva de uma partida de futebol

Um estudo realizado por Tracey *apud* Carvalho (2009) com universitários mostrou que há o envolvimento de sentimentos de raiva, depressão, medo,

confusão, preocupação no momento da aquisição da lesão e, além disso, os universitários relataram que a lesão baixou a sua autoestima.

Os sentimentos para Análise do Comportamento são definidos como condições corporais, ação de sentir/ sensorial (assim como o ver e o ouvir), que estão relacionados com estímulos antecedentes. Levantamos a hipótese de que os sentimentos de raiva, depressão, medo, preocupação estão ligados a eventos aversivos e punitivos do ambiente e/ou com a falta de reforçamento positivo. No caso de uma lesão, o atleta passa a estar inserido em outras contingências esportivas, isto é, outras variáveis de controle passam a estar presentes. Muitas delas podem, em primeira instância, representar muitos eventos aversivos como dor da lesão, ausência de contingências esportivas de antes da lesão implicando na ausência dos reforçadores positivos que agora passam a estar mais distantes de serem alcançados devido à limitação física.

Skinner define os conceitos de raiva, depressão e medo respectivamente: como estado emocional/resposta reflexa de glândulas e músculos lisos em que há efeito sobre o comportamento operante representado por uma grande disposição para agir agressivamente contra o agente controlador; resume-se à contingência em que o organismo nada pode fazer em relação às mudanças das variáveis de controle; é descrito como repostas reflexas das glândulas e dos músculos lisos eliciadas por eventos aversivos em condições em que há punição, em que tais repostas podem ser acompanhadas por mudança no comportamento operante com aumento na probabilidade dos comportamentos de fuga.

Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 2 – hipótese de análise funcional 2

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Lesão + dor física	Comportamentos não correspondentes ao alto nível de desempenho + estados corporais de raiva, depressão, medo, etc.	Ausência de reforçadores inerentes à prática esportiva

A análise funcional mostra uma(s) dentre outras variáveis atuantes e possíveis na contingência esportiva no processo de lesão reabilitação

Inegavelmente, a lesão esportiva traz ao atleta danos físicos de ordem motora, contudo, não há apenas o dano físico, há também alterações comportamentais e para alguns autores como Carvalho (2009) há implicações psicológicas no momento da lesão do atleta. Um estudo realizado pelo autor mostrou que o campo da lesão desportiva engloba não somente aspectos físicos, mas também implicações de aspectos psicológicos que podem ser predições de lesão como, por exemplo, o estresse. Nessa mesma linha de pensamento, o modelo estresse-lesão, de Anderson & Willians apresentado por Samulski (2009), propõe que em uma situação potencialmente estressante, o atleta que apresenta um nível de estresse diário, determinadas características de personalidade e com menor potencial de superação, estará mais suscetível a se lesionar.

A leitura feita pela Análise do Comportamento acerca do estresse é de que, assim como a ansiedade e o medo, o estresse é um estado corporal eliciado por estímulos antecedentes do ambiente. Nesse sentido é possível classificá-lo como uma emoção, em que, em uma dada situação, por exemplo, ausência de um reforço, os estímulos antecedentes podem gerar uma mudança no estado corporal, em se tratando de reflexos lisos e estriados (mudança na postura)

assim como mudança na probabilidade de agir por parte do organismo. O estímulo antecedente (perturbador) pode ser a ausência de um reforço habitual, estimulação aversiva que gera pouca possibilidade de esquiva ou fuga, incontabilidade de estímulos, etc. No nosso exemplo, especulamos que o estresse para um atleta de futebol pode estar ligado à questão de não conseguir reforço habitual (marcar gol) através dos comportamentos emitidos, ou também devido à presença de estímulos aversivos dos quais não consegue se esquivar ou consegue com pouca eficácia, assim como apresentado em experimento em laboratório no qual o rato, apesar de suas respostas de pressão à barra anteriormente conseqüenciadas com a apresentação do reforço primário, a água, não obtém mais o reforço apesar de todo seu esforço e custo de resposta, ou quando é introduzido um estímulo ambiental, como um som, ou uma luz constantes de que o rato não consegue se esquivar ou fazer cessar esses estímulos através dos comportamentos emitidos. Suponhamos que um centroavante que não vem tendo sucesso em marcar gols (reforçamento positivo) passa em branco nas partidas seguintes, algo que permanece por meses, apesar de suas tentativas. A situação apresentada de estímulos aversivos pode levar o atleta ao estado corporal de estresse, em que este passa a emitir basicamente as respostas para livrar-se dessa situação aversiva, se “descuidando” (isto é, seus comportamentos passam a estar muito mais sob controle dessas variáveis que eliciam o estado corporal de estresse do que outras presentes nesse contexto) em relação aos outros comportamentos, o que pode estar ligado à suscetibilidade de lesão.

A lesão pode ser tomada como um momento negativo na trajetória profissional, por interromper (momentaneamente ou definitivamente) os

objetivos e sonhos da carreira profissional do atleta, entretanto, a forma como o jogador lidará com esse momento, tanto pode ser positiva quanto negativa.

Alguns estudiosos apontam que o processo de reabilitação eficaz perpassa por um suporte social ao atleta, isto é, apoio familiar e dos colegas de equipe (comissão técnica, comissão médica, jogadores) representados por atitude de escuta, apoio e suporte emocional que podem colaborar e ajudar o atleta lesionado a vivenciar positivamente a lesão. Segundo Samulski e Azevedo (2002), o suporte social tem o papel crucial no sucesso do tratamento, contribuindo com bons níveis de automotivação.

Para a Análise do Comportamento o suporte social está diretamente ligado à autoestima do atleta, isto é, comportamentos emitidos pelo atleta têm algum valor para sua comunidade social (família, comissão técnica e médica), em outras palavras significa dizer que há o reconhecimento da comunidade social da condição do atleta em relação aos novos comportamentos nesta nova contingência esportiva abarcando em um estado corporal de alta autoestima, o que foi chamado pelos os estudiosos de vivenciar positivamente a lesão.

Ampliando ainda mais a questão da lesão, Silva, Souto e Oliveira (2008), em um estudo realizado com atletas profissionais de futebol masculino do estado de Sergipe, verificaram que as lesões esportivas podem ocorrer em associação com alguns fatores como, por exemplo, o período da temporada que a equipe está passando, sendo evidenciada a maior frequência de lesões por mais da metade da população estudada, no meio da temporada. Segundo Weineck *apud* Silva, Souto e Oliveira (2008) o meio da temporada (ou período competitivo) é caracterizado por treinos cuja sobrecarga aeróbica é deixada de

lado, se comparada com o início da temporada, priorizando treinos táticos e em que ocorre a maior frequência de jogos. Não obstante, o estudo mostra que as lesões acontecem, em sua maioria, ou em jogos oficiais ou em treinos técnicos – táticos, com menor frequência em treinamentos físicos. Diante desses dados, é possível estabelecer ligação com a questão do dinamismo do futebol moderno, no qual a cobrança intensa por resultados faz com que o atleta busque a superação de seus limites tanto nos treinos (por disputar uma vaga no time titular) quanto nos jogos oficiais.

Outro estudo que observa o impacto psicológico no âmbito das lesões é a pesquisa realizada por Leite et al (2010), que revelou que a incidência de lesões em atletas de futsal é maior quanto maior for o nível de preocupação dos atletas em sofrê-las.

Para a Análise do Comportamento a história de reforçamento de um organismo tem grande influência nas condições presentes. O atleta, ao passar por lesões ou pelo simples fato da observação de seus colegas recuperados de alguma lesão, já possui um histórico de aprendizagem acerca de variáveis de controle de seu comportamento nessas contingências, bem como dos eventos aversivos contidos nesse cenário, o que pode explicar a questão da incidência de lesão aos atletas que por esses estímulos têm seus comportamentos muito mais controlados do que por outros.

A lesão esportiva no contexto atual corresponde, não somente ao “déficit” de desempenho do atleta, mas também a perdas econômicas por parte dos patrocinadores e dirigentes. Segundo Buceta, as lesões esportivas comprometem as decisões futuras do atleta, bem como a de todos os

envolvidos no cenário da lesão esportiva (Buceta *apud* Markunas, 2010). A lesão além de acarretar prejuízo físico e motor e conseqüentemente perda do rendimento, pode ocasionar danos psíquicos relacionados a pensamentos de adversidade. Segundo Ucha, o atleta, ao sofrer a lesão, além da baixa no rendimento imediato ou futuro acaba sofrendo danos na esfera psíquica acarretando emoções negativas (Ucha *apud* Markunas, 2010).

Mais uma vez cabe destacar que para a Análise do Comportamento os sentimentos, as emoções são estados corporais eliciados por um evento antecedente, isto é, no caso das emoções, respostas reflexas condicionadas são evocadas diante de um determinado estímulo. Retomando os postulados de Samulski (2009), que menciona os estágios de Negação, Raiva, Barganha, Depressão, Aceitação e Reorganização pelos quais o atleta passa ao se lesionar, são lidos, segundo a Análise do Comportamento como sendo estados emocionais eliciados por eventos antecedentes (estimulação aversiva) e, dependendo do tipo de lesão, isto é, se há perspectiva de recuperação ou se não para a prática do futebol, ligados à perda de reforçamento habitual ou até mesmo ligados a extinção do comportamento.

A relevância do presente trabalho emerge, pautada nos estudos citados anteriormente, em desvendar como o atleta encontrado no meio da temporada, lida com o desvio ou redirecionamento de sua motivação quando acometido por uma lesão, bem como com a diminuição de sua autoestima, sabendo que, dependendo do tipo da lesão o atleta pode perder a vaga no time titular e ou ficar de fora do campeonato. O trabalho busca ainda demonstrar a interatuação de aspectos comportamentais, bem como as variáveis de controle e

sua influência no desempenho dos atletas seja durante os jogos, treinos, seja quando o jogador profissional fica afastado por conta de uma lesão. A importância da atuação de variáveis comportamentais nos atletas faz crer que no esporte de hoje, além do treino físico, técnico e tático, o treinamento e aprimoramento comportamental é de suma relevância para a obtenção de resultados e superação e quebra de recordes.

4. MÉTODO

Para fins da presente pesquisa, foi realizado um estudo analítico de dados indiretos retirados de reportagens veiculadas na mídia, cujo objetivo foi de realizar um ensaio teórico, por meio do manejo dos conceitos e da visão de Homem que a Análise do Comportamento nos oferece e pela qual se fomentaram as hipóteses aqui levantadas acerca das relações comportamentais no que diz respeito às alterações dos níveis de motivação e autoestima vivenciadas pelo atleta de futebol profissional, Ronaldo Nazário de Lima, o Fenômeno, no processo lesão – reabilitação. No capítulo denominado Anexos, está contemplada a entrevista completa de Ronaldo ao programa Fantástico da Rede Globo de Televisão (um dos materiais utilizados para análise), assim como sua Biografia.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1 - Breve Recorte do histórico de lesões de Ronaldo

Por ter, em sua trajetória, vivenciado lesões graves de grande repercussão internacional, por ter tido uma ascensão abrupta e meteórica com reconhecimento no cenário do futebol mundial, pelas conquistas de títulos importantes tanto nos clubes em que passou quanto na seleção brasileira de futebol e pelos inúmeros prêmios individuais recebidos pelo reconhecimento de seu talento, enfim, por ter grande notoriedade no esporte no qual grandes ídolos como Pelé, Zico, Garrincha, Maradona e outros que marcaram seus nomes na história e por ser um símbolo de superação e recuperação, a análise dos dados deste trabalho está pautada nos relatos coletados de vídeos de entrevistas do jogador Ronaldo Nazário de Lima, o Fenômeno.

As lesões no futebol já vitimaram inúmeros jogadores e muitos craques pelos gramados em todo mundo. Alguns desses atletas nunca mais voltaram a brilhar, entretanto outros, mesmo com a adversidade colocada pelo momento da lesão e recuperação, continuaram trilhando um caminho de muitas vitórias e conquistas. O Ronaldo certamente se enquadra nesse último grupo de atletas que após sofrerem com lesões graves, deram a volta por cima e seguiram conquistando o mundo com a bola nos pés.

Ronaldo teve em sua carreira algumas importantes lesões que o afastaram da prática da atividade física-futebolística. Seu histórico de lesões teve início no ano de 1996, quando então atuava pelo PSV Eindhoven, da Holanda (clube de futebol profissional de Eindhoven, nos Países Baixos). Passou, em sua primeira cirurgia, por uma raspagem na cartilagem de seu joelho. Já no ano de 1999, atuando dessa vez pela Internazionale de Milão (clube de futebol

profissional da primeira divisão da Itália), segundo notícias veiculadas na época, o craque torceu o joelho ao pisar em um buraco no campo, rompendo o tendão patelar em 20 centímetros. Mais uma vez o jogador teve que se submeter ao ato cirúrgico, desta vez para reconstrução do tendão patelar. Após um longo período de recuperação e sessões de fisioterapia, Ronaldo, em uma partida (de ida) da final da Copa da Itália contra a equipe da Lazio (clube de futebol profissional da primeira divisão da Itália), entrou no segundo tempo e após alguns toques na bola, em uma jogada característica do jogador (a pedalada – passar os pés por cima da bola), Ronaldo protagonizou uma das cenas mais fortes de lesões já vistas no futebol mundial. Houve o rompimento completo do tendão do joelho direito que fez com que ele desabasse no chão envolto por um desespero desolador. Mais uma vez Ronaldo se encontrava na mesa de cirurgia. Dessa vez sua recuperação tardou por volta de um ano.

Este estudo toma, como pontos fulcrais para análise, os relatos de Ronaldo acerca das lesões mencionadas acima. Cabe destacar que as análises foram formuladas por hipóteses e inferências, já que a situação do processo lesionar vivenciada por Ronaldo, no tocante à motivação e à autoestima, diz respeito a um comportamento privado, isto é, observado apenas pelo próprio organismo. O exercício desta análise, portanto, está pautado no comportamento verbal – comportamento público, ao qual temos acesso – que nos servirá como ponto de partida para as postulações das hipóteses. Considerar-se-á, dentre outras variáveis influentes na motivação e autoestima do atleta, apenas aquelas que estejam ligadas à acessibilidade ou inacessibilidade de reforçadores positivos e negativos generalizados inerentes à prática do futebol. Em outras palavras, o intuito deste exercício de análise se aproxima ao objetivo e ao controle de variáveis que encontramos no ambiente de laboratório. Nesse sentido, o ensaio

das análises é apenas o recorte de algumas variáveis acerca do comportamento esportivo do atleta estudado, não negando, desta forma, a importância, a existência e a influência de outras variáveis em cada comportamento ligado à motivação e à autoestima aqui mencionado e estudado. Este estudo não diminui a importância de outros conceitos da Análise do Comportamento aplicáveis ao contexto esportivo aqui ilustrado. A utilização ampla dos conceitos abrangidos por essa teoria, por ora fica reservada a futuros estudos cujo tempo de execução permita a pesquisa mais aprofundada.

Pela dificuldade apresentada em encontrar relatos específicos de cada lesão do jogador, faremos aqui no presente trabalho, a análise das falas de Ronaldo acerca de suas experiências vividas no processo de lesão e reabilitação, levando em consideração as lesões de maior repercussão no cenário do futebol.

O primeiro relato a ser analisado diz respeito à lesão de Ronaldo, quando ele atuava pela Internazionale de Milão, lesão essa que chocou o mundo devido às imagens fortes da ruptura do tendão do joelho. Em uma entrevista que Ronaldo concedeu aos repórteres do Fantástico, programa exibido pela rede globo de televisão em 25 de fevereiro de 2008, Sônia Bridi e Paulo Zero, o jogador conta um pouco de suas expectativas acerca de seu futuro (não só como jogador considerando a hipótese de aposentadoria), de sua recuperação, mas também como ele viverá sua vida daquele momento em diante, caso tenha sequelas em decorrência da lesão. Abaixo seguem os relatos juntamente com as respectivas análises.

Título da matéria: Um craque com medo do futuro - O maior de todos os nossos artilheiros desabafa: tem medo do futuro. Ronaldo, o Fenômeno,

recebeu os repórteres Sônia Bridi e Paulo Zero no apartamento que tem em Paris.

Ronaldo quando perguntado em relação à lesão em termos de dor física que ela pôde ter causado, ele diz que: “A dor mesmo não é tão grande, porque é tão rápido. O que senti foi exatamente a mesma coisa que aconteceu no joelho direito. Aí é que bate desespero, uma tristeza, um monte de perguntas sem respostas. Tipo: Por que isso está acontecendo de novo? Por que comigo? O que eu fiz para merecer isso?”

Diante desse relato é possível notar a presença de alguns sentimentos de negação (não aceitação) por meio das perguntas que ele se faz, o que contempla o modelo de reação do atleta à lesão proposto por Kübler Ross, modelo de Grief Reaction, em que o atleta, ao passar por uma experiência de lesão, vivencia ao longo desse processo alguns estágios emocionais como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação e reorganização. Segundo Samulski (2009) o atleta, ao sofrer alguma lesão, entra nesse primeiro estágio de negação em que o atleta custa a acreditar nesse déficit esportivo no qual ele se encontra. Segundo a Análise do Comportamento, poderíamos afirmar que as emoções de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação seriam manifestações corporais produzidas concomitantemente com os comportamentos, conforme menciona Guilhardi (2002): “Os sentimentos e os comportamentos são ambos causados por história genética e ambiental em conjunto com a situação presente”. (Guilhardi, 2002, p. 1)

Em termos da Análise do Comportamento podemos salientar que o ambiente configurado pela lesão contempla nova contingência de reforço a

qual evoca comportamentos aprendidos em situação semelhante, anteriormente vivenciados em sua outra lesão, que, por carregar caráter histórico, acaba suscitando comportamentos aprendidos e estímulos aversivos como, por exemplo, a dor (semelhante à da contusão anterior), pensamentos negativos caracterizados pela incerteza de voltar a jogar bola, custo de tempo para recuperação, entre outros. Nesse sentido, o atleta em seu relato demonstra “menor sofrimento” em relação à dor quando comparada a lesão anterior, e “maior sofrimento” em relação à forma como a punição resultante deste novo contexto o abarca pela evocação de um contexto já conhecido e carregado de contingências aversivas anteriormente experimentadas. Em outras palavras, o evento punitivo da lesão (dor, limitação física, evocação de comportamentos aprendidos nas contingências de lesões anteriores) é vivenciado por Ronaldo de forma mais enfática em relação às contingências que sequenciam o momento da lesão – como o processo de reabilitação incluindo cirurgia, fisioterapia, distanciamento da contingência da prática esportiva e conseqüentemente distanciamento dos eventos reforçadores proporcionados por esse ambiente como reconhecimento, conquistas de vitórias, campeonatos troféus, convocações para seleção, etc, – do que propriamente o fato da prevalência da dor provocada pelo déficit físico, assim demonstrado, a seguir, no trecho destacado de seu relato: “(...) A dor mesmo não é tão grande, porque é tão rápido. O que senti foi exatamente a mesma coisa que aconteceu no joelho direito. Aí é que bate desespero, uma tristeza, um monte de perguntas sem respostas(...)”

Considerando o ambiente lesionar como constituído mais por eventos ambientais aversivos, contingências coercitivas do que eventos cujas contingências são de reforçamento positivo, ao se pensar na autoestima de

Ronaldo poder-se-ia inferir alteração em seu grau alto/baixo, isto é, uma redução em sua autoestima por causa da lesão e de seus desdobramentos que podem ser configurados como eventos aversivos e até mesmo punitivos para o atleta que experimenta essa situação.

Os estímulos presentes nesse ambiente de lesão puderam contribuir para um comportamento de “desmotivação” no sentido de estar enunciada ao atleta uma operação motivadora supressora (OMS) que, devido déficit físico, teve o valor reforçador alterado, já que, anteriormente à lesão, possuía um valor específico que aumentava a eficácia de uma consequência como reforçadora (OME). Agora, a condição lesionar do atleta emprega a diminuição do acesso aos reforçadores positivos e específicos do ambiente esportivo anterior à lesão, imposto pelos eventos ambientais (físico-corporais), caracterizando uma redução da eficácia de uma consequência como reforçadora (OMS), visto que, encontrando-se lesionado, o atleta dificilmente teria como consequência de seus comportamentos esportivos as mesmas consequências anteriores à lesão (como, por exemplo, a conquista de uma vitória sobre o adversário). Em senso comum, poder-se-ia dizer que Ronaldo, ao se deparar com sua condição física minimizada para prática futebolística, teve tanto sua motivação quanto a sua autoestima influenciadas por sua “nova” condição atlética, justamente por esta conferir a ele impossibilidades de realização de objetivos anteriormente possíveis de serem almejados.

Prosseguindo um pouco mais na entrevista, Ronaldo, quando perguntado se contempla a possibilidade de não voltar a jogar mais futebol, diz: “Eu tenho que estar preparado para isso também. Eu tenho que saber que não vai ser fácil, que vai ser uma recuperação muito dura, muito difícil e que pode

acontecer de ocorrer algum problema no meio da recuperação e, infelizmente, eu não poder jogar mais. Mas eu vou deixar isso para o final da recuperação para ver. Se no final eu tiver dor mesmo recuperado e puder levar uma vida normal, mas tiver dor, talvez seja a hora mesmo de dizer adeus ao futebol.”

É possível verificar nesse relato que Ronaldo cogita a hipótese de parar de jogar futebol caso, após a recuperação, permaneça com dores no joelho. Para a Análise do Comportamento esse relato pode assumir uma maneira do atleta prever quais serão as contingências que vigorarão em seu processo de reabilitação (baseado em sua história ambiental), isto é, estarão envolvidas nesse processo as questões de reforçamento positivo, caso ele perceba melhora (física) em seus movimentos em relação ao joelho; reforçamento negativo, quando o atleta menciona a possibilidade de parar de jogar por conta da dor, esquiva e fuga ao mencionar que poderá parar de jogar caso algum problema no meio da recuperação o impeça de jogar e não mais praticar o esporte, que podem ser relacionadas com a evitação desse cenário lesionar.

Tomemos agora um pequeno trecho da entrevista dada por Ronaldo a Marília Gabriela no programa “De frente com Gabi” exibida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), no dia 13 de junho de 2010.

Marília Gabriela: (...) um medo, o maior deles?

Ronaldo: O maior deles... Nossa, sempre tive de lesões e continuo tendo de lesões graves.

Neste breve comentário de Ronaldo fica explícito o quanto um estímulo anteriormente neutro, a exemplo da lesão, em sua história de jogador, tornou-se aversivo em decorrência de seu pareamento com as consequências produzidas pelo comportamento operante do atleta que, neste caso, é caracterizado pelo ato de se contundir na execução de seu trabalho. O medo (estado corporal do organismo) mencionado pelo jogador é (juntamente com o comportamento operante) em resposta à contingência esportiva constituída por estímulos aversivos (limitação física, dor, inacessibilidade aos reforçadores inerentes à prática do futebol, tempo e custo de recuperação). Nesse sentido podemos falar também de ansiedade, já que tanto um quanto o outro estado corporal relacionado ao medo e a ansiedade, segundo Análise do Comportamento, são gerados por estímulos aversivos. Para lançar luz aos conceitos de medo e ansiedade, Skinner (2002) no livro: "*Questões recentes da análise do comportamento*", menciona o exemplo de laboratório:

Um rato faminto pressionava uma alavanca numa frequência baixa e estável, sob reforçamento intermitente, com pequenas porções de comida. Uma ou duas vezes, durante uma sessão de uma hora, nós produzíamos um som por três minutos e, em seguida, aplicávamos um leve choque na sua pata traseira. No começo, nem o som nem o choque tiveram nenhum efeito marcante sobre a frequência de resposta, mas o rato logo começou a responder mais devagar enquanto soava o som e, eventualmente, parava de uma vez. Sob circunstâncias um tanto parecidas uma pessoa diria: "eu parei o que estava fazendo porque me senti um pouco ansioso" (Skinner, 2002, p.18)

Seguindo um pouco mais adiante neste texto de Skinner, o autor, ao falar da ansiedade, faz paráfrase de Freud dizendo que este contexto apresentado ao rato equivale dizer, em outras palavras, que ele está em uma situação de perigo, isto é, uma situação parecida com uma outra em que coisas dolorosas aconteceram. Skinner chega a mencionar o conceito de desamparo, haja visto

que o rato não poderia fazer nada para cessar o som ou fugir. No caso de Ronaldo, o atleta, diante da apresentação da dor da contusão, para de responder futebolisticamente lhe sendo imputada a condição aversiva da contusão e não lhe sendo possível a cessação desta contingência. Em relação ao medo, Skinner (2002) destaca leve diferença, em comparação à ansiedade:

Nosso experimento teria dado um resultado diferente se o choque tivesse sido contingente à resposta, em outras palavras, se a pressão a barra tivesse sido punida. O rato teria igualmente parado de pressionar a barra, mas o estado corporal teria sido diferente. Provavelmente, ele seria chamado de medo. A ansiedade talvez seja uma espécie de medo (nós diríamos que o rato estava “com medo de que ocorresse outro choque”), mas isso é diferente de estar “com medo de pressionar a barra” porque outro choque pode acontecer.
(Skinner, 2002, p. 19-20)

Nesse sentido, podemos inferir que Ronaldo, a exemplo de sua contusão na Internazionale, no momento em que parte para realizar seu drible característico (pedalada-passar o pé por cima da bola ludibriando seu adversário) sofre a contusão no joelho (“choque”) e, posteriormente depois de recuperado, ao tentar realizar este mesmo drible em um treino ou jogo, poderá sentir ansiedade e medo por conta do episódio anteriormente vivido.

Hipótese de análise funcional:

Tabela 03 – hipótese de análise funcional 3

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Momento lesionar (estímulo neutro) + dor física (“choque”)	Limitação física + estado corporal de medo	Ausência da contingência (esportiva) de reforçamento
Estalo no joelho (“som”) pareado com a dor física (“choque”)	Estado corporal de ansiedade + “diminuição” gradual do movimento mecânico (exemplo: correr)	Retirada do campo de jogo

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes possíveis na contingência esportiva no processo de lesão reabilitação

Em outro trecho da entrevista, Marília Gabriela aborda o tema acerca da eliminação do Corinthians (clube onde Ronaldo jogava na época da entrevista) na Copa Libertadores da América para falar de críticas acerca da eliminação precoce, como também em relação à sua condição física e contusões.

Marília Gabriela: (...) você falou de oito cirurgias de dores permanentes de muito sacrifício para jogar futebol (...). Meu Deus do céu, o Ronaldo, esse sacrifício em nome de que, essas cirurgias todas, todo esse sacrificio vale a pena?

Ronaldo: Ah vale, vale muito a pena. Na ocasião eu falei até que as pessoas podem pensar que é por causa de ganhar dinheiro, no início realmente era um sonho e a vontade de ganhar dinheiro.

Marília Gabriela: Como todo mundo tem quando assume uma profissão

Ronaldo: Trabalha prá ganhar dinheiro e depois que alcancei minha independência financeira tudo começou a ser muito mais agradável, muito mais prazeroso também porque eu fazia realmente porque eu gostava e continua sendo assim pra mim. Todo sacrificio valeu a pena, "ta" valendo, são muitos os sacrificios que eu passo diariamente pra continuar jogando futebol eu não sei o que vou fazer depois que eu decidir parar de jogar futebol (...).

Na análise deste relato destacamos, em princípio, na fala de Marília Gabriela, o desenho de uma contingência, cujas variáveis são aversivas e pelas quais o jogador em sua história contingencial esportiva já vivenciou ao longo de sua carreira e ao longo de suas contusões. As variáveis aversivas podem ser representadas pelas dores permanentes, pelas cirurgias, tempo de recuperação e tempo longe dos gramados (ausência e ou privação da contingência reforçadora).

Hipótese de análise funcional:

Tabela 04 – hipótese de análise funcional 4

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Dor	Limitação física / ingestão de remédio (analgésico)	Ausência da dor
Ausência da contingência esportiva	Estado corporal (tristeza, baixa autoestima, desânimo)	Ausência do reforço social ligado à prática do futebol (reconhecimento profissional)
Tempo de recuperação longo, fisioterapia	Realização dos exercícios fisioterápicos - estado corporal, presença da dor	Percepção de melhora dos movimentos mecânicos
Ausência da contingência esportiva	Estado corporal de pouca motivação	Não acesso ou mudança do valor da consequência como reforçadora

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes possíveis na contingência esportiva no processo de lesão reabilitação

As quatro contingências acima descritas podem ser relacionadas com a hipótese de estímulos aversivos vivenciados por Ronaldo no processo de lesão – reabilitação. A autoestima e a motivação levantadas nesse processo contingencial sofrem alternâncias à medida em que o atleta deixa de ter, no caso da autoestima, reforço social correspondente à sua prática esportiva devido à privação imposta pela contusão e consequente retirada do atleta da contingência de reforçamento (timeout) o que corrobora a hipótese de “redução do nível” da autoestima de Ronaldo. Em relação à motivação podemos supor a situação em que a apresentação de novas variáveis, no contexto esportivo em que Ronaldo está inserido, pode influenciar (temporariamente) a probabilidade de ocorrência de, por exemplo, comportamento esportivo de alto desempenho do atleta, hipótese sustentada com a possível mudança em relação ao valor da consequência como reforçadora, já que, o não acesso de Ronaldo – por conta de sua nova condição física – aos reforçadores positivos fica explícita a partir

do momento em que ele se contunde. Podemos destacar ainda, a presença da OMS (operação motivacional supressora) que se apresenta como a redução das consequências como reforçadoras. Em outras palavras, podemos dizer que Ronaldo, ao longo de sua lesão vivenciou saciação quanto aos exercícios fisioterápicos, os quais em algum momento do processo de recuperação puderam ter seu valor reforçador diminuído.

Prosseguindo com o relato de Ronaldo, verificamos que, a despeito de todos os estímulos aversivos que lhe foram apresentados, ele diz que seguir com sua carreira no futebol ainda vale muito a pena, em princípio devido ao retorno financeiro que o esporte pôde lhe proporcionar e, posteriormente, devido ao prazer e satisfação que a contingência esportiva lhe traz.

Em termos de Análise do Comportamento a motivação de Ronaldo pode ser especulada por meio das variáveis referentes à contingência esportiva as quais lhe proporcionaram um ambiente cujas consequências assumiram grande valor reforçador em sua história, isto é, a recompensa financeira exposta ao jogador pôde ter um grande valor reforçador (generalizado) ao atleta. Sabendo que Ronaldo nasceu em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, onde teve uma infância pobre, o retorno financeiro que o futebol lhe proporcionou pode ser aventado como um reforço positivo que afetou a probabilidade de ocorrência de comportamentos tanto esportivos (maior dedicação aos treinos, aprimoramento técnico e físico, aprimoramento de finalização a gol, drible, etc) como comportamentos “não esportivos” (comparecimento aos treinos, boa disciplina em termos alimentares, resguardo físico, etc), que pode ter influenciado Ronaldo a manter-se seguindo com sua carreira no contexto do futebol, já que, em sua história, na infância humilde, o jogador talvez não tenha tido acesso a esse reforçador como tem agora depois

de famoso. Posteriormente, seguindo nessa linha de raciocínio, levantamos a hipótese de que os reforçadores naturais do ambiente esportivo, (como o reconhecimento do trabalho, as amizades com outros jogadores, a alegria de estar apto para praticar o futebol, o carinho da torcida, a conquista de títulos), a partir de um determinado momento, mais especificamente depois da independência financeira do atleta, passaram a estar em uma posição mais destacada em comparação ao reforço positivo generalizado, o dinheiro, já que nesse sentido especula-se, a possibilidade de certa saciação em termos financeiros por parte do atleta que no auge de sua carreira já acumulava um patrimônio financeiro equiparado aos de grandes astros de futebol.

Com a tranquilidade financeira alcançada, levantamos a hipótese de que nas consequências reforçadoras naturais das contingências esportivas, como as citadas no parágrafo anterior, prevaleceu o aumento do valor reforçador inerente a cada situação de reforçamento positivo. Vejamos a seguir a relação entre estímulo antecedente – resposta – consequência:

Tabela 05 – hipótese de análise funcional 5

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Altos salários + outras variáveis	Desempenho de alto rendimento (marcação de gols, execução de dribles, acerto de passes, boa condição física) comparecimento aos treinos, disciplina alimentar, etc	Acesso aos altos salários + reconhecimento e valorização do atleta
Ambiente harmonioso no clube, amigos jogadores que lhe querem bem, oportunidade de poder praticar o futebol	Estado corporal de muita motivação, autoestima, entusiasmo + comportamento de brincadeiras inerentes ao grupo de jogadores, etc	Atenção do grupo, visibilidade, ser requisitado

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes e possíveis na contingência esportiva

Por fim, há um terceiro relato de Ronaldo obtido em uma entrevista realizada pelo Canal ESPN Brasil, no programa Bola da Vez do mês de março do ano de 2000 onde ele, explicitamente conta acerca de sua motivação em relação a sua contusão (contusão esta não especificada) e em relação à Copa do Mundo de 2002. Nesse relato fica claro o contexto no qual o jogador estava deparado no processo lesão-reabilitação.

Ronaldo: Copa do Mundo sempre tem uma motivação maior e um sacrifício maior por parte de todos os jogadores tentando a conquista. Mas hoje até por vários conselhos inclusive um conselho muito importante pra mim que foi do Zico em que ele falava..., que me falou desse fato de o jogador, o atleta precisa estar bem, 100% para jogar e hoje em dia não tem mais herói não adianta fazer um sacrifício porque sobrecarrega sobre o jogador, porque se ele não está bem não está preparado para render o máximo ele vai sofrer uma pressão muito grande, porque não jogou bem, porque fez aquilo. Hoje em dia eu faço diferente, vou fazer diferente, só vou entrar em campo quando eu estiver 100%.

Repórter José Trajano: Pressão no Brasil, pressão na Itália, todo mundo querendo fazer a mesma pergunta o tempo inteiro. Você duvidou disso? você agora está num momento bom quase chegando lá, mas houve um momento de dúvida sua que não ia dar?

Ronaldo: Acho que depois da terceira lesão muscular. Não que não ia dar. Não pensei na Copa do Mundo naquele momento. Eu achei que era uma coisa complicada que a gente não estava encontrando a solução e a solução estava na nossa cara. De repente, a gente precisava fazer uma pré-temporada um pouquinho mais forte comigo para aguentar, já que eu fiquei dois anos parado, então o momento que fiquei mais preocupado foi... Que eu fiquei preocupado, mas não em relação à Copa do Mundo de perder a Copa do Mundo e sim...

Repórter José Trajano: Até com sua carreira, vamos dizer.

Ronaldo: Na minha carreira, em jogar, depois da terceira lesão muscular na coxa, quer dizer, sem um porque ai a gente ficou um pouquinho preocupado.

Contextualizando a Copa do Mundo como um evento de grande repercussão mundial, vale destacar algumas variáveis que podem afetar o comportamento ligado à autoestima e à motivação dos jogadores que a disputam. Nesse sentido, em relação à fala de Ronaldo, ao mencionar que há uma motivação e um sacrifício maiores e que há exigência maior por parte de todos os jogadores, é possível destacar variáveis como: ser reconhecido como a melhor seleção e o melhor jogador da competição, ser o artilheiro da competição, conquistar o troféu, pressão de toda uma nação para que se conquiste a Copa, reconhecimento de um país do esforço dos jogadores, representar o país em uma competição internacional, grande visibilidade, possíveis especulações de grandes clubes da Europa, possível aumento de salário, entre outros. Vemos que essas variáveis podem ser vividas de maneiras totalmente distintas por cada jogador, contudo é inegável a presença de alguns conceitos da Análise do Comportamento como operação motivacional, reforçamento positivo e negativo, esquia punição, nas contingências esportivas acima citadas.

Quanto a fala de Ronaldo, destacando que há um sacrifício maior por parte de todos os jogadores, é possível levantar a hipótese de que para se alcançar os reforçadores positivos, o custo da resposta é alto exigindo grande dedicação e empenho na fase de preparação. Comumente observamos e ouvimos, em tempo de Copa do Mundo, seleções realizarem concentrações de trinta, sessenta dias antes do início da competição.

Ronaldo enfatiza a sua singularidade em relação ao sacrifício despendido num contexto de copa do mundo. Especulamos que o sacrifício e as variáveis nele contidas, como resistência à dor, postergação de ato cirúrgico por meio de cuidados fisioterápicos e ingestão de remédios, participação em treinamentos com possíveis dores presentes, influenciam o estado e aptidão de rendimento esportivo de 100 % no que diz respeito ao desempenho do atleta. Levantamos a hipótese de a situação de sacrifício que Ronaldo menciona ter sido vivenciada de maneira pouco positivamente reforçada e que pode ter trazido a ele, em termos de lesão, possíveis agravos. A Análise do Comportamento pode lançar luz ao conceito de comportamento de esquiva por parte do atleta nessa contingência esportiva em que estímulos aversivos foram possivelmente vivenciados pelo jogador, como cobrança por não ter atuado bem em um determinado jogo por não estar em uma condição de alto rendimento, como mostra a seguir a tríplice contingência referente a essa situação:

Tabela 06 – hipótese de análise funcional 6

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Sacrifício = atuação nos treinos e jogos com desconforto muscular e dores	Esquiva frente à situação de atuar com dor	Reforçamento negativo. Não participação em treinos e jogos com dores ou desconforto muscular + não presença da situação de sacrifício
Cobrança da imprensa e torcedores por bom desempenho + atuação com dor e desconforto muscular	Esquiva frente à situação de atuar com dor e cobrança da imprensa e torcedores	Reforçamento negativo. Não participação em treinos e jogos com dores ou desconforto muscular + não presença da cobrança da imprensa e torcedores

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes e possíveis na contingência esportiva no processo de lesão

Ronaldo é perguntado pelo repórter José Trajano se alguma vez ele chegou a duvidar de sua total recuperação, de que realmente conseguiria voltar aos gramados, justamente pelo histórico corrente de lesões e cirurgias em sua

carreira, e por estar se recuperando de uma lesão muscular na época da entrevista. O jogador mais uma vez, em seu relato, descreve uma contingência em que podemos levantar hipóteses da presença de estímulos aversivos antecedentes, reforçamentos positivo, negativo, esquiva.

Pode-se especular que o fato de Ronaldo preocupar-se muito menos em relação a poder participar da Copa do Mundo e muito mais em relação a sua carreira em termos de não estar mais apto para o futebol profissional, de certa forma configura uma contingência comportamental cujos estímulos assumem valor aversivo, representado pela reflexão do jogador em não jogar mais futebol, isto é, percepção da perda de grande parte dos reforçadores inerentes ao contexto do futebol profissional antes da hora, antes da aposentadoria “natural” (menos pela influência de lesão e sim mais pela influência da idade) quando o atleta tem a possibilidade de refletir acerca de sua carreira e então tomar essa decisão. Diante desse contexto, a Copa do Mundo para Ronaldo passa a não ter um valor de contingência reforçadora positiva já que, para participar de um campeonato de grande nível técnico, qualquer jogador tem que estar no auge de seu rendimento para ser competitivo; sendo assim, levantamos a hipótese de que para Ronaldo naquele momento de recuperação, a Copa do Mundo não tinha um valor reforçador tão importante quanto ao valor reforçador em relação à preocupação de Ronaldo estar bem fisicamente se recuperando de sua lesão.

Vejam os a tríplíce contingência a seguir:

Tabela 07 – hipótese de análise funcional 7

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Copa do Mundo (campeonato de alto rendimento e nível técnico)	Estado corporal não favorável (não típico de quem vai disputar um grande campeonato – pouco motivado) + percepção de não aptidão física para disputa do campeonato	Estado corporal de tristeza
Sessão de fisioterapia	Realização dos exercícios	Estado corporal - diminuição da dor e percepção gradual de melhora da lesão + motivação

As análises funcionais mostram uma(s) dentre outras variáveis atuantes e possíveis na contingência esportiva no processo de lesão reabilitação.

Este exemplo traz a diferença entre os valores das consequências como reforçadoras em cada relação entre estímulo - resposta - consequência. Por conseguinte, ficam a motivação e a autoestima configuradas de maneiras diferentes: na primeira relação o reforço social acessível a Ronaldo relacionado ao futebol não é o mesmo de antes da lesão, quando de seu alto rendimento. Não há o acesso, ele estando fora da contingência esportiva, de reconhecimento através de gols, dribles, de sua atuação no momento atual. No mesmo sentido, a motivação do jogador não é a mesma justamente pela introdução de novas variáveis na contingência esportiva, como a limitação física, por conta da dor, diminuindo a probabilidade de comportamentos esportivos de alto rendimento do atleta e, conseqüentemente, o valor reforçador das consequências da contingência esportiva. A Copa do Mundo passa a ter um valor diferente do de antes da lesão. Traz ao atleta a percepção de que seu estado físico atual não está compatível com aquele que o credencie como jogador competitivo para esse campeonato. Esse estímulo pode ser aversivo a partir do momento em que Ronaldo tem a percepção de que

fisicamente não está apto para disputá-la. Por outro lado, na segunda relação o estímulo antecedente pode ser considerado positivo já que, em sua presença a possibilidade de melhora pode ser desfrutada. Nesse sentido, tanto a motivação quanto a autoestima podem sofrer alteração à medida em que a consequência assume caráter reforçador e o reconhecimento e percepção de melhora dos movimentos mecânicos, tanto por parte do atleta quanto por parte da comissão técnica, sejam evidenciados.

Os conceitos de reforçamento negativo / esQUIVA relacionam-se, no relato de Ronaldo, ao momento em que ele menciona que a solução para evitar lesão seria realizar uma pré - temporada mais forte, isto significa exercícios específicos para melhor preparo físico a fim de evitar futuras lesões (reforçamento negativo / esQUIVA). Vejamos a relação a seguir:

Tabela 08 – hipótese de análise funcional 8

ESTÍMULO ANTECEDENTE (SD)	RESPOSTA (R)	ESTÍMULO REFORÇADOR POSITIVO / NEGATIVO (S)
Pré temporada mais forte = fase preparatória (exercícios específicos, maior carga de exercícios, maior exigência de esforço físico, maior tempo de treinamento).	Execução de todos exercícios	Maior confiança + melhor condição física = probabilidade menor de lesão

A análise funcional mostra uma dentre outras relações possíveis, em termos de variáveis atuantes na contingência esportiva de pré - temporada.

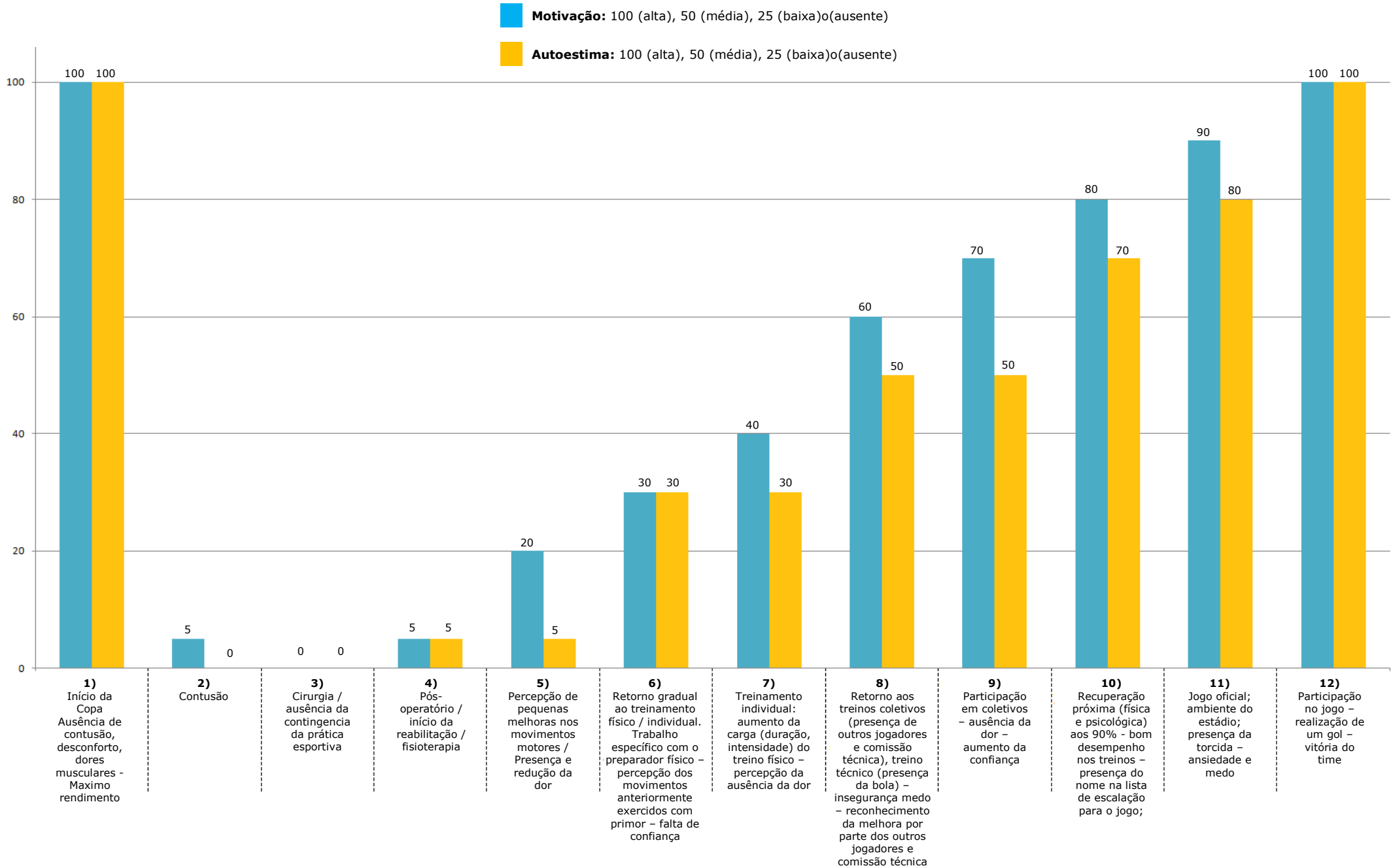
6. HIPÓTESES

A seguir, é apresentado um gráfico hipotético, mero exercício teórico, que tem o intuito de exemplificar as etapas do processo de lesão-reabilitação vividas por um atleta de futebol profissional, tentando aclarar, como a autoestima e a motivação podem sofrer alternâncias ao longo dessa contingência esportiva. Cabe lembrar, que as variáveis apresentadas a seguir são apenas algumas das muitas possíveis em termos de atuação nesse contexto esportivo. Assim como no laboratório, selecionamos algumas que acreditamos que obtêm valor de influência sobre a autoestima e motivação de um atleta de futebol profissional. Para uma leitura acurada do gráfico tomemos como medidas:

- **0** = autoestima baixa, isto é, pouco reforço social para comportamentos de baixo rendimento e limitações físicas. Ausência total ou parcial do reconhecimento do estado atual em termos de produtividade acerca do desempenho esportivo. Ausência de reforçadores positivos como: reconhecimento do potencial, reconhecimento por gols e dribles; presença de punição e contingências coercitivas; motivação baixa, isto é, eficácia das consequências como reforçadoras é mínima;
- **50** = autoestima moderada, isto é, nesse nível há reconhecimento e reforço social para os comportamentos do atleta; motivação moderada, isto é, a eficácia das consequências como reforçadoras é média;
- **100** = autoestima alta, isto é, total reconhecimento e reforço social para os comportamentos do atleta. Presença de reforçadores positivos, reconhecimento pelo trabalho do atleta; motivação alta, isto é, a eficácia da consequência como reforçadora é grande.

O contexto escolhido para a apresentação das etapas de lesão e reabilitação foi o da Copa do Mundo (nenhuma em particular) por ser um campeonato o qual a maioria dos atletas sonha em disputar pelo fato de proporcionar acesso a grandes reforçadores positivos representados por objetivos que muitos atletas almejam quando disputam um campeonato de grande envergadura assim como é o mundial de seleções. Dentre muitos reforçadores, podemos destacar: reconhecimento profissional através de exposição na mídia internacional, possibilidade de aumento de salário no clube, especulação de grandes clubes, possibilidade de contratações milionárias, possibilidade de representar seu país servindo a seleção nacional e ser reconhecido pela nação de origem (ídolo).

Gráfico: Autoestima e Motivação X Etapas do processo de lesão – reabilitação



As etapas foram classificadas obedecendo a uma ordem (momento da lesão, reabilitação e retorno às atividades esportivas):

- 1) Início da Copa do Mundo – Ausência de contusão, de dores e de desconforto muscular;
- 2) Contusão – primeira fase (fase de grupos) do campeonato;
- 3) Cirurgia – ausência da contingência esportiva [timeouts / retirada do jogador de uma contingência reforçadora (prática esportiva) para uma menos reforçadora (cirurgia e fisioterapia)];
- 4) Pós-operatório – início da reabilitação – fisioterapia;
- 5) Percepção de pequenas melhoras nos movimentos motores – Presença e redução da dor;
- 6) Retorno gradual ao treinamento físico / individual. Trabalho específico com o preparador físico – percepção dos movimentos anteriormente exercidos com primor – falta de confiança;
- 7) Treinamento individual: aumento da carga (duração, intensidade) do treino físico – percepção da ausência da dor;
- 8) Retorno aos treinos coletivos (presença de outros jogadores e comissão técnica), treino técnico (presença da bola) – insegurança medo – reconhecimento da melhora por parte dos outros jogadores e comissão técnica;

- 9) Participação em coletivos – ausência da dor – aumento da confiança;
- 10) Recuperação próxima (física e psicológica) aos 90% - bom desempenho nos treinos – presença do nome na lista de escalação para o jogo;
- 11) Jogo oficial; ambiente do estádio; presença da torcida – ansiedade e medo.
- 12) Participação no jogo – realização de um gol – vitória do time

1) Início da Copa do Mundo – Ausência de contusão, dores e desconforto muscular

Na primeira etapa colocamos a situação em que, nos atletas, são verificados os maiores índices de autoestima e motivação por se tratar do maior campeonato de futebol do planeta em e sua imagem é vista pela esmagadora maioria das pessoas espalhadas por todos países e continentes, isto é, há a oportunidade dos atletas demonstrarem seus valores em termos de habilidades para, então, serem reconhecidos profissionalmente (através de bons desempenhos, gols marcados, boas defesas, em se tratando de zagueiros e goleiros, e êxito na conquista do campeonato) por torcedores, clubes e empresários, traduzidos em elogios, destaques na mídia, melhores salários, ambição e contratação realizadas por grandes clubes, sobretudo os europeus. Esse cenário configura, no tocante à Análise do Comportamento, contingências de reforçadores positivos e operações motivacionais estabelecidas (OME), já que o que está envolvido nesse contexto são estímulos (relatados acima) que assumem grande valor para o atleta em termos de realização e conquista. Ademais, por se tratar de um campeonato cuja periodicidade é de quatro anos e ainda, considerando a privação de conquista do mesmo de acordo com o histórico dos campeões, podemos destacar, em termos da Análise do Comportamento, privação dos jogadores, visto que, no caso específico de Ronaldo, a conquista de uma Copa do Mundo, por já estar inserida em sua esplendorosa trajetória esportiva (por ele já ter vivenciado condições semelhantes de contingências reforçadoras), pode alimentar (motivar) ainda mais seus comportamentos de alto rendimento esportivo agregando maior valor às contingências esportivas. Para os outros atletas que não

conseguiram tal conquista, os valores acerca das contingências de reforçadores positivos podem assumir caráter parecido com os valores das contingências dos atletas que conquistaram o Mundial, já que há o acesso a esses reforçadores por meio da comunidade verbal, seja pela observância dos próprios atletas em relação aos atletas vencedores, seja pelo contato com os relatos verbais de seus colegas de clube ou através da própria mídia. Em relação ao contexto da ausência de contusão, dores e desconforto muscular, este se explica pelo fato de uma equipe levar ao mundial, apenas aqueles jogadores que estejam 100% fisicamente e psicologicamente, isto é, que estejam em sua melhor forma e potencial.

2) Contusão no contexto de jogo – primeira fase (fase de grupos) do campeonato

Neste contexto a figura do gráfico mostra uma abrupta queda tanto da motivação quanto da autoestima, esta chegando a zero. A motivação, porém, não alcança a marca de nível zero apesar de chegar próximo a isso. Neste caso o jogador, ao se contundir (momento da lesão), pode manter esperanças de continuar no jogo (as consequências no campo de jogo ainda como reforçadoras), dependendo da dor e em caso de não (re)conhecimento imediato da gravidade da lesão pode seguir no jogo dependendo do valor circunscrito naquela determinada partida. No tocante ao Mundial, o jogador poderá manter esperanças (motivação), em se tratando de ser a primeira fase (fase de grupos), em seguir participando do campeonato nem que seja nas etapas finais. No caso de Ronaldo, é possível inferir que tanto a motivação quanto a autoestima atingiriam a marca do nível zero (na contingência esportiva), primeiramente devido às

gravidades de suas lesões como também devido ao reconhecimento por parte do atleta das contingências e consequências anteriores ao momento lesionar.

3) Cirurgia – ausência da contingência esportiva [timeouts / retirada do jogador de uma contingência reforçadora (prática esportiva) para uma menos reforçadora (cirurgia e fisioterapia)]

Nesta etapa a motivação e a autoestima se nivelam na marca de zero o que corresponde ao fato da retirada do jogador de seu contexto esportivo, isto é, ao jogador é imputada a não possibilidade da prática efetiva de sua profissão. Nesse sentido a Análise do Comportamento menciona a acepção do termo “timeout” fazendo alusão à situação em que um determinado organismo é deslocado de uma contingência reforçadora, na qual está inserido, para uma contingência menos reforçadora. Assim, pode-se fazer analogia com a situação em que o atleta é retirado de seu ambiente de trabalho (campo esportivo) onde há o acesso aos reforçadores positivos inerentes à prática profissional do futebol para, então, ser “colocado” em um ambiente que, a despeito de ter correlação com sua prática profissional, não lhe proporciona o acesso às contingências esportivas reforçadoras, o que lhe impõe a vivência de contingências menos reforçadoras para o exercício de sua profissão. Em relação à motivação, o surgimento de novas variáveis no contexto esportivo do atleta (dor, cirurgia, limitação física, sentimentos de medo e incerteza) acarretam, neste caso, diminuição da frequência e probabilidade de ocorrência dos comportamentos inerentes à prática do futebol, bem como sua direção. Nesse âmbito, ao fazer ponte com o construto da Análise do Comportamento, podemos inferir que o atleta, ao

passar por essa fase, está vivenciando, em termos comportamentais, uma Operação Motivacional Supressora (OMS) conforme a redução da eficácia das consequências como reforçadoras que vão deixando de ser acessíveis ao atleta lesionado.

4) Pós-operatório – início da reabilitação – fisioterapia;

Nesta etapa tanto a autoestima quanto a motivação assumem o mesmo valor e sofrem uma pequena elevação. Essa elevação pode ser pensada em relação ao fato de que a contingência esportiva que o atleta vive nesse momento pode indicar o início do processo de retomada da aptidão para a emissão dos comportamentos esportivos, isto é, pode haver a percepção da possibilidade de retorno à prática esportiva com o início da reabilitação, por parte do atleta e da equipe médica. Nesse sentido, o atleta inicialmente começa a verificar as consequências dos comportamentos fisioterápicos como reforçadores (como ganho de maior flexão dos joelhos, maior ângulo de flexão, etc – no sentido de estar mais próximo possível do movimento mecânico natural) que corresponde à elevação na motivação do atleta. Em relação autoestima, especula-se que há o reconhecimento da comissão diante do comportamento de estar presente na sessão de fisioterapia, como também a presença de estímulos verbais antecedentes de apoio (“em breve você estará arrebrandando nos gramados”) que podem eliciar condições corporais, no atleta, produzidas pelo reforço social correspondente ao comportamento de ir até a fisioterapia e realizar os exercícios. Ainda nessa etapa é possível correlacionar os conceitos de: Reforçamento Negativo se pontuarmos a etapa de fisioterapia na qual o atleta passa por exercícios repetitivos para a recuperação dos movimentos mecânicos, justamente para

sair da condição de inabilitação para a prática esportiva; Fuga e Esquiva: fuga relacionada a quando o atleta, diante de um estímulo aversivo, por exemplo, a dor, no contexto de fisioterapia “foge” do exercício, por este lhe causar grande desconforto físico, e esquiva quando, nesta mesma situação, porém antes da apresentação ou percepção da dor, o atleta evita realizar o exercício; Ligada aos conceitos de Fuga e Esquiva, a Punição pode ser relacionada dentro dessa etapa de acordo com a apresentação de um estímulo aversivo ao jogador em que a resposta relacionada ao estímulo aversivo terá sua probabilidade de ocorrência reduzida como, por exemplo, uma resposta representada por movimentos mecânicos, em uma sessão de fisioterapia, poderá ter sua frequência reduzida caso o estímulo aversivo de recordação da dor sentida quando da realização passada desse mesmo movimento ou movimento semelhante vir à tona no momento em que o atleta estiver prestes a realizar o exercício fisioterápico. Modelagem: a modelagem, por sua vez, corresponde a novos comportamentos adquiridos pelo atleta nos exercícios de fisioterapia como, por exemplo, a flexão do joelho (comportamento novo em caso de lesão de ligamento cruzado anterior ou posterior) do atleta para a recuperação gradual através de reforçamentos sucessivos de movimentos em direção à resposta final desejada que é a flexão total e recuperação integral do movimento.

5) Percepção, por parte do atleta, de pequenas melhoras nos movimentos mecânicos/motores – Presença e redução da dor.

Aqui, a motivação apresenta um valor crescente e um pouco maior do que o valor conferido na autoestima. Essa diferença pode ser caracterizada pela percepção intrinsecamente sentida (comportamento privado – tendo como

observador, apenas, o próprio organismo), pelo jogador, de melhora dos movimentos motores atribuídos a movimentos que anteriormente causavam um nível de dor determinado e que agora são percebidos com uma diminuição dessa dor. Essa percepção de melhora do atleta, especula-se ser um reforço positivo para os comportamentos ligados à sua recuperação. O fato de apenas o atleta ter essa percepção é que pode configurar uma motivação maior que a autoestima, já que o reforçamento social não é possível devido ao não acesso de outras pessoas – a exemplo do preparador físico, fisioterapeuta – ao evento privado da redução da dor, a menos que o atleta relate (comportamento verbal) a sua condição. Neste exemplo tomemos o fato do atleta não relatar sua condição à comissão técnica.

6) Retorno gradual ao treinamento físico / individual. Trabalho específico com o preparador físico – percepção dos movimentos anteriormente executados com primor – falta de confiança

Nesse processo de retorno aos treinos físicos, já no contexto da realização da prática esportiva, de acordo com o gráfico, a autoestima sofre elevação novamente, nivelando-se à motivação. Essa elevação pode ser atribuída ao reconhecimento do médico, do fisioterapeuta e do preparador físico em relação ao desempenho motor do atleta possibilitando-lhe o deslocamento da clínica de fisioterapia e do departamento médico para a realização do trabalho de fortalecimento e condicionamento físico no ambiente inerente à prática do futebol, o campo de jogo. Contudo, apesar do reconhecimento dos profissionais citados, este reconhecimento não está, propriamente dito, diretamente correlacionado com a prática do futebol / comportamentos

esportivos valorizados que podem ter como consequências bons salários, titularidade, exposição na mídia, reconhecimento da torcida, rumores sobre contratação por grandes clubes internacionais, entre outros, o que pode atenuar, de certa forma, a elevação da autoestima. Já a motivação não sobe tanto, apesar da percepção, por parte do atleta, dos movimentos anteriormente executados com primor devido à falta de confiança (sentimento de insegurança) do atleta, advinda de algum estímulo percebido no ambiente como, por exemplo, a lembrança da situação em que ele se machucou. Entretanto, em primeiro lugar, essa pequena elevação pode estar relacionada ao ambiente de campo de jogo proporcionar ao atleta a possibilidade e a recordação dos reforçadores positivos que, antes da lesão, estavam acessíveis e, em segundo lugar, devido à eficácia da consequência como reforçadora das respostas (de gradual melhora na parte motora) emitidas pelo jogador tanto no treino físico como nas sessões de fisioterapia. Além disso, o fato do atleta estar em privação (tempo fora dos gramados, contingência esportiva) dos reforçadores positivos do futebol profissional, os quais o atleta já havia experimentado, contribui com a suposta tênue elevação ou mesmo a manutenção da motivação.

7) Treinamento individual: aumento da carga (duração, intensidade) do treino físico – percepção da ausência da dor

Nesta contingência esportiva, de acordo com a figura presente no gráfico, a motivação sofre elevação enquanto a autoestima se mantém no mesmo nível. A explicação para a manutenção desta e a variação daquela pode ser balizada através da inferência de que, no caso da motivação, o atleta só é

submetido ao aumento de carga (intensidade e duração do tempo maiores) devido à percepção de melhora de sua condição física em relação à lesão e aos movimentos físico-motores, por parte de todos os envolvidos no processo de lesão-reabilitação. Além da percepção de melhora físico/motora, a ausência da dor (comportamento privado - nova variável no ambiente do atleta) pode ser importante fator para que a emissão de comportamentos esportivos possa ser realizadas de forma mais “natural” se comparada aos movimentos em que a presença da dor pode limitar a sua execução. A manutenção da autoestima deve-se à questão das mesmas possíveis variáveis da etapa anterior estarem em vigor.

8) Retorno aos treinos coletivos (presença de outros jogadores e comissão técnica), porém não ainda no contexto similar de jogos oficiais – treino técnico (presença da bola) – insegurança, medo – reconhecimento da melhora por parte dos outros jogadores e comissão técnica;

Nesta etapa observa-se a presença de importantes variáveis na contingência esportiva denominada como: “A volta aos treinos coletivos”. Podemos especular o fato de que uma lesão em um atleta pode configurar privação do contexto esportivo (variáveis antecedentes, comportamentos correspondentes ao contexto e consequências advindas desses comportamentos). Nesse sentido, verificamos no gráfico a elevação tanto da motivação quanto da autoestima. Em se tratando da motivação a elevação pode estar ligada ao fato de que a privação frente à contingência esportiva de treino pode agora ser experimentada pelo atleta, isto é, as consequências dos comportamentos emitidos e suas correspondentes

consequências nos treinos passam a ter valor de reforço, já que fisicamente o atleta está cada vez mais próximo de emitir comportamentos semelhantes àqueles de antes da lesão. A presença da bola pode ser uma variável que elicie comportamentos (estados corporais) prazerosos de acordo com a história de repertório comportamental esportivo do jogador. Contudo, a figura do gráfico mostra que a motivação não sobe tanto quanto a autoestima, justamente pelo fato de que há a presença de comportamentos de insegurança e medo (estímulos aversivos presentes, como a dor ou contingências que anunciam esses estímulos) do atleta o que pode atenuar o valor reforçador da consequência de seus comportamentos no âmbito de sua reinserção neste contexto. No caso da autoestima verificamos na figura considerável elevação já que, para que o atleta esteja inserido na contingência esportiva de treino coletivo, é necessário o reconhecimento – tanto da comissão técnica quanto do próprio jogador – de melhora dos comportamentos físico-motores, isto é, emissão de comportamentos que correspondam, ou que estejam adequados às exigências das contingências esportivas de treinamento coletivo. Ademais, a presença dos outros jogadores como “testemunhas” da melhora do jogador e como reconhecedores (através de uma bola passada para o atleta “ex-lesionado”, incentivo) podem contribuir para a elevação da autoestima e motivação do atleta.

9) Participação em coletivos – ausência da dor – aumento da confiança;

Essa contingência se assemelha com a anterior em termos de variáveis presentes. Entretanto há uma variável que assume grande relevância para a emissão de comportamentos do atleta, a ausência da dor. A presença

dessa variável pode atenuar os comportamentos de insegurança e medo - estímulos aversivos - e aumentar os comportamentos de confiança (emissão de comportamentos com pouca probabilidade de perda de reforçamento, ou seja, comportamentos quase sempre seguidos de reforço) assim como permite a alteração no valor reforçador das consequências de comportamentos emitidos pelo atleta nessa condição. Nesse caso, a motivação sofre elevação. Em se tratando da autoestima, especula-se o fato da manutenção de seu nível devido ao não acréscimo de novas variáveis esportivas.

10)Recuperação (física e comportamental) próxima aos 90% - bom desempenho nos treinos – Treinador especulando o estado físico do atleta para elaboração da lista de convocação;

As variáveis (condição física próxima aos 90% e bom desempenho nos treinos, especulação do treinador acerca do estado físico do atleta) presentes nessa etapa configuram elevação na autoestima e na motivação. A motivação liga-se ao fato dos comportamentos emitidos pelo atleta estarem cada vez mais adequados às exigências de um jogo oficial (condição física e capacidade respiratória equivalentes aos dos colegas de equipe e adversários, emissão de comportamentos motores equivalentes – tempo de bola, ritmo de jogo), o que pode configurar um bom desempenho nos treinos. Nesse contexto, a emissão de comportamentos cada vez mais próximos àqueles exigidos em situações de jogos oficiais confirma que as contingências esportivas de treino estão cada vez mais próximas às contingências de jogos oficiais, e cujas consequências têm valor reforçador semelhante à situação em que o atleta estará atuando em uma partida

oficial. Nesse sentido, a privação do atleta das contingências de jogos oficiais está cada vez mais próxima de se encerrar (dependendo da história de cada jogador). No caso da autoestima, a presença do ambiente social inerente à prática esportiva do atleta e o reforço social, por exemplo, a sondagem do treinador (reforçamento positivo), são variáveis importantes no tocante à elevação do nível da autoestima do atleta nesse momento do processo de reabilitação. Isso significa que os comportamentos esportivos do atleta estão sendo cada vez mais reconhecidos e estão cada vez mais próximos àqueles comportamentos exigidos para a prática do futebol de alto nível no contexto esportivo de Copa do Mundo. Portanto, a elevação da autoestima se justifica pela presença de reforçamento social positivo apresentado ao atleta nesta etapa do processo, bem como pelas condições corporais sentidas pelo atleta devido ao reforço social advindo do reconhecimento do treinador em relação à sua aptidão e qualidade técnica. Esse fato pode explicar uma elevação um pouco maior da autoestima em relação à motivação.

11)Recuperação física motora completa – presença do nome na lista de escalação para o jogo oficial; ambiente do estádio; presença da torcida – ansiedade e medo;

Especula-se que as variáveis apresentadas nessa etapa assumem grande importância na alteração dos níveis de autoestima e motivação de um atleta. Podemos hipotetizar que, ao sentir-se recuperado, o atleta está apto para emitir os comportamentos esportivos adequados que são exigidos pelas contingências de uma partida oficial. Nesse sentido, os valores das consequências dos comportamentos emitidos pelo atleta passam a ter

grande valor reforçador, já que a possibilidade de reforço para comportamentos esportivos de um drible, um gol, já são possíveis para o atleta 100% recuperado (isso em termos de partidas oficiais), o que repercute na elevação no nível de motivação. Sendo assim, a presença do nome na lista verifica reconhecimento de comportamentos aptos do atleta recuperado, por parte da comissão técnica, para aplicabilidade dos comportamentos em situação de jogo, o que pode abarcar elevação do nível de autoestima do atleta. O ambiente do estádio de jogo e a presença da torcida são variáveis que podem eliciar, através tanto de estímulos positivos quanto de estímulos aversivos, estados corporais de ansiedade e medo (possíveis de evocar comportamentos ligados à situação da contusão) que podem atenuar minimamente a elevação do nível de motivação do atleta. como também estados corporais de prazer, satisfação (capazes de evocar comportamentos ligados a reforçamentos positivos) que podem influenciar na elevação da motivação.

12) Participação no jogo – realização de um gol – vitória do time

Em nosso exemplo, tomamos duas variáveis dentre outras inúmeras possíveis que um atleta depois de sua recuperação e durante a sua primeira participação em um jogo oficial (após lesão) pode vivenciar como importantes na elevação total da autoestima e da motivação: a realização de um gol e a vitória do time. A realização de um gol (momento máximo de um jogo de futebol) volta todos os olhares para o atleta que empurrou a bola para o fundo das redes; o reconhecimento do feito é advindo de todos os colegas da equipe, comissão técnica, torcida, imprensa, através de comportamentos verbais, como incentivo, agradecimento, abraços, entre

outros, que são reforçadores sociais que estão diretamente ligados à autoestima do atleta. Sendo assim, é possível conjecturar que o maior nível de autoestima, neste exemplo, se dá quando um atleta, após algum tempo (em privação de reforçamento positivo inerente à prática do futebol profissional) longe dos gramados, alcança o reforço social positivo através, por exemplo, do comportamento esportivo eficiente de marcar um gol e o acesso a esses reforçadores da prática de jogo estará sendo apresentado ao atleta no momento em que realiza tal feito. Em se tratando da motivação, hipotetiza-se que, ao marcar o gol e as consequências advindas deste feito que podem configurar valor reforçador muito grande para o jogador (já que é nesse momento que seu comportamento esportivo de marcar um gol é reconhecido), o nível estará no pico máximo assim como acontece com o nível da autoestima. Na condição de vitória da equipe, as consequências do comportamento de realização de um gol podem ser enfatizadas ainda mais se comparadas com a situação em que há a derrota do time em que o atleta atua. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que a repercussão da recuperação e da realização do gol pelo atleta terá um valor reforçador ainda maior advindo de seu ambiente social (esportivo). Em se tratando de Copa do Mundo (campeonato eliminatório), a confiança do atleta e a confiança depositada nele pelos colegas de equipe e comissão técnica para realização de gols e vitórias futuros, servirão como estímulos discriminativos para a emissão de comportamentos futuros semelhantes ao da ocasião em questão. Portanto, nesta etapa, as variáveis atuantes no momento da realização de um gol e na vitória do time são pontos importantes que alteram a motivação e a autoestima do atleta recém-recuperado. Hipotetizamos que o atleta, ao se encontrar nessa

condição, alcançou o auge de sua recuperação em termos físicos e comportamentais se pensarmos na condição isolada de atuação das variáveis anteriormente citadas (ausência de dor, ausência de desconforto muscular, condição física adequada, confiança, etc), configurando o nível máximo tanto da motivação quanto da autoestima devido ao valor reforçador das consequências como também devido ao reconhecimento de seus comportamentos esportivos por parte do ambiente social correspondente às contingências esportivas de futebol profissional.

7. DISCUSSÃO

Quando uma lesão se apresenta na vida de um atleta, novas variáveis são colocadas em contato com ele. Essas variáveis podem determinar alternâncias na motivação e na autoestima ao longo do processo de recuperação, como também posteriormente no decorrer de sua carreira.

A lesão provocada ao atleta não carrega somente a dor e a limitação física consigo. A lesão estabelece novo contexto para a carreira do jogador que, ao se contundir, ve-se privado de reforçadores que antes da lesão eram de “fácil” acesso, justamente por estar apto fisicamente para, por exemplo, fazer gols, realizar dribles, ou defesas importantes. Nesse contexto, o atleta é afastado de seu palco e, conseqüentemente, de tudo que é inerente à sua apresentação. Inevitavelmente o jogador lesionado passa a conviver em um ambiente atípico (presença de estímulos aversivos) diferente daquele a que está acostumado em sua prática. Há mudança do trabalho em grupo para o trabalho individual. Há o afastamento não apenas dos gramados, mas também dos colegas de equipe, da prática esportiva, do trabalho que lhe dá identidade. A leitura feita pela Análise do Comportamento é a de que há uma perda significativa de reforçadores positivos, inerentes à prática esportiva, na carreira de um jogador quando este sofre algum tipo de lesão que o deixe fora de cena. Os reforçadores positivos inerentes à prática de futebol profissional ficam momentaneamente suspensos quando se trata de lesão com perspectiva de recuperação. À medida que se perdem esses reforçadores outros são colocados em cena. E, a partir do momento em que há mudança das contingências e dos reforçadores, outros comportamentos do jogador são emitidos. Novas variáveis de controle do comportamento passam a vigiar no

contexto de lesão e reabilitação, isto é, outras relações comportamentais (Estímulo antecedente – Resposta – Estímulo consequente) são estabelecidas – por exemplo, na situação de fisioterapia onde o atleta passa a se comportar de tal maneira a conseguir melhora (reforço positivo) nos movimentos físico-motores por meio dos exercícios e sessões de fisioterapia, assim como, no caso de comportamento de ingerir remédios (de esquivar ou fuga) a fim de minimizar as dores advindas da lesão.

No caso analisado neste trabalho, a recidiva de lesões vivenciadas por Ronaldo fomenta uma história de aprendizado acerca de percepção de estímulos que podem provocar ou agravar alguma lesão tanto no decorrer de um jogo quanto no processo de recuperação. Tais estímulos podem eliciar os comportamentos operantes de fuga e esquivar de um atleta. Esse aprendizado relaciona-se com a maneira de como o atleta avalia e vivencia as etapas do processo de lesão e reabilitação, isto é, no exemplo de Ronaldo, a recidiva de lesões e a vivência, por inúmeras vezes, do processo lesão e reabilitação pode corroborar com o aprendizado acerca do conhecimento das variáveis cujos comportamentos são função.

Na Análise do Comportamento são denominados tanto os comportamentos privados quanto os públicos e, nesse sentido, tanto a autoestima quanto a motivação correspondem a comportamentos privados, cujo acesso é apenas do organismo que os sente. Contudo esses conceitos não deixam de ser denominações de classes de respostas de padrões de comportamento. Nesse sentido, o acesso que o analista do comportamento tem dos comportamentos de autoestima e da motivação se dá através da observação e/ou do comportamento verbal, o relato, que aqui utilizamos como fonte de dados para a análise, o que corrobora a afirmação de Cillo (2011) que menciona o

comportamento verbal como fonte de pesquisa de repertórios complexos tipicamente humanos, engendrando a possibilidade de tecnologias comportamentais para o manejo de variáveis em outros ambientes além do laboratório. Foi através do comportamento verbal (relato) de Ronaldo que buscou-se, neste trabalho, estabelecer (manejo) possíveis relações comportamentais apresentadas pelo jogador. Em outras palavras, o comportamento verbal forneceu dados para analisar as possíveis variáveis atuantes nos comportamentos esportivos de relevância social para o atleta lesionado, como também os possíveis repertórios comportamentais de um atleta profissional de futebol, através do levantamento de hipóteses acerca das relações entre estímulo resposta e consequência em cada etapa do processo de lesão e reabilitação que um jogador de futebol pode vivenciar em sua trajetória esportiva.

O exercício de análise da motivação e da autoestima através do ensaio teórico e levantamento de hipóteses é uma maneira de explorar a Análise do Comportamento como ferramenta de leitura e intervenção no campo esportivo.

A psicologia no âmbito da Análise do Comportamento pode lançar luz a importantes situações vivenciadas por atletas de futebol, não apenas de lesão, mas outras em que necessitem de qualquer apoio no campo comportamental - por exemplo, atuar na busca de melhora de desempenho e aprimoramento de competências esportivas, dar auxílio ao atleta de forma que ele lide da melhor maneira possível com questões de afastamento familiar, solidão, abrupta mudança sócio-econômica, modelagem de comportamentos esportivos, entre outros. Todas essas circunstâncias anteriormente citadas podem ser traduzidas em contingências comportamentais em que variáveis (estímulos) diversas

atuam na relação (estímulo – resposta – consequência) comportamental de um atleta.

O ensaio teórico realizado neste trabalho através do uso da Análise do comportamento como ferramenta de análise de dados acerca dos diversos comportamentos possíveis de um atleta em diversos contextos inerentes à prática esportiva pode servir como base e direcionamento para futuros estudos na área da Psicologia do Esporte no âmbito das lesões esportivas, bem como servir de modelo para análise de contingências esportivas e de controle comportamental.

Por conseguinte, o uso da Análise do Comportamento no âmbito da Psicologia do Esporte, pode contribuir para a compreensão de importantes comportamentos emitidos por atletas profissionais e amadores em diversas contingências inerentes à prática esportiva, seja em contextos de lesão, desenvolvimento de competências esportivas, modelagem de comportamentos esportivos, seja em contextos pessoais, em termos de relação com os colegas de time e comissão técnica, assim como clarificar as diversas variáveis das quais os comportamentos, em âmbito esportivo, são função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Rute Cardoso. Aspectos Psicológicos das lesões desportivas: Prevenção e tratamento. (2009). *O Portal dos psicólogos*. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0475.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2011.

CILLO, Neves P. Eduardo. *Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical*: In: RUBIO, Katia (Org.) et al. *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção* 2ª. edição – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.p 87-91

CILLO, Neves P. Eduardo. *Análise do Comportamento e Esporte*. (2011). ABPMC – Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Disponível em: <<http://www.abpmc.org.br/site/wp-content/uploads/2011/06/eduardoESPORTE.pdf>>. Acesso em: 6 abril 2011.

CORRÊA, Daniel K. de A.; ALCHIERI, João Carlos; DUARTE, Lúcia Regina S.; STREY, Marlene N. Excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional. *SciELO - Scientific Electronic Library Online*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 maio 2011.

EMULATION PAGE. Marília Gabriela entrevista Ronaldo Fenômeno em HD. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oNHov-hw0vs&feature=relate>>. Acesso em: 14 fevereiro 2012.

FRANCO, Gisela Sartori. *Psicologia no Esporte e na Atividade Física*. São Paulo: Editora Manole, 2000. (Coleção Fitness Brasil). Pág. 19-88, 133-160.

GOMES, Laurentino; PASTORI, Karina. Pressão demais – Como o stress e as crises nervosas, ilustradas pelo caso Ronaldinho, derrubam as pessoas. *Revista Veja - Revista Digital* - Ano 31 - N° 29 – Julho de 1998. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 16 maio 2011.

GUILHARDI, Hélio José. Análise comportamental do sentimento de culpa. (2002). *Instituto TCR – Terapia por contingencias de reforçamento*. Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/helio/analise_comportamental_sentimento_culpa.PDF>. Acesso em: 19 novembro 2011.

GUILHARDI, Hélio José. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. (2002). *Instituto TCR – Terapia por contingencias de reforçamento*. Disponível em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf>. Acesso em: 19 novembro 2011.

JOHNSTON, L. & CARROLL, D. The context of emotional responses to athletic injury: a qualitative analysis. *Journal of Sport Rehabilitation*, 1998. 7: 206-220

LEITE, Marcela Mendes de Almeida Gomide; ROSSI, Isabela Carneiro de Rezende; QUEIROGA, Fernanda Blaser; SAMULSKI, Dietmar Martin. Preocupação com as lesões esportivas em atletas de futsal. *Efdeportes - Revista Digital* – Buenos Aires – Ano 15 – N° 149 – Outubro de 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd149/preocupacao-com-as-lesoes-em-atletas-de-futsal.htm>> Acesso em: 16 de maio de 2011.

LOTT, Renata Murta Netto e Silva . Motivação no esporte: uma contribuição da análise do comportamento. (2004). *Interação esporte e psicologia*. Disponível em: < <http://www.interagir.com.br/publicacoes.asp?cod=5>>. Acesso em: 7 julho 2011.

MARKUNAS, Marisa. *Reabilitação esportiva ou esporte como reabilitação?*. In: RUBIO, Katia (Org.). et al. *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. Pág. 139-153.

MARKUNAS, Marisa. *Reabilitação psicológica de atleta lesionado*. In: RUBIO, Katia (Org.). et al. *Psicologia do esporte aplicada*. 2ª. edição – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (Coleção Psicologia do Esporte). Pág. 173-191.

MARTIN, G; HRYCAIKO, D. Effective behavioral coaching: What's it all about? *Journal of Sport Psychology*, 1983. 5: 8-20.

MARTIN, Garry; PEAR Joseph. *Modificação de comportamento: o que é e como fazer*. 8ª Edição. São Paulo. Editora Roca Ltda. (2009). Pág. 39, 46-47, 73, 145, 174, 176-177, 192-193, 278-283.

MIGUEL, Caio. F. O Conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento. (2000). *Scielo - Scientific Electronic Library Online*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4813.pdf>> Acesso em: 10 setembro 2011.

MIGUEL, Caio. F. O Conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento. (2000). *Scielo - Scientific Electronic Library Online*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4813.pdf>> Acesso em: 10 setembro 2011.

PROGRAMA FANTÁSTICO – Um craque com medo do futuro. *Fantástico – G1- O Portal de Notícias da Globo* - 25/02/08 - 08h21 - Atualizado em 25/02/08 - 09h13. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL698555-15605,00-UM+CRAQUE+COM+MEDO+DO+FUTURO.html>>. Acesso em: 7 novembro 2011.

REDAÇÃO TERRA – Lesão no joelho de Ronaldo comoveu o mundo . *Esportes Terra – Terra Portal* - 18 de fevereiro de 2006 . Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI884655-EI2271,00-Lesao+no+joelho+de+Ronaldo+comoveu+o+mundo.html>> . Acesso em: 7 novembro 2011.

RUBIO, Katia. *Análise Social do Fenômeno Esportivo e o Papel do Psicólogo*. In: RUBIO, Katia (Org.). et al. *Psicologia do esporte aplicada*. 2ª. edição – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (Coleção Psicologia do Esporte). Pág. 16-23.

RUBIO, Katia. *O Trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional*. In: RUBIO, Katia (Org.). et al. *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. Pág. 18-27.

SAMULSKI, D. & AZEVEDO, D.C. *Psicologia aplicada às lesões esportivas*. In D. Samulski (Eds), *Psicologia do Esporte*. Tamoré: Manole, 2002. Pág. 277-299

SAMULSKI, Dietmar. *Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2ª. edição. – Barueri: Manole, 2009. Capítulo 1.

SILVA, Diego; SOUTO, Michell; OLIVEIRA, Antônio. Lesões em atletas profissionais de futebol e fatores associados. *Efdeportes - Revista Digital* - Buenos Aires - Ano 13 - N° 121 – Junho de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/lesoes-em-atletas-profissionais-de-futebol.htm>>. Acesso em: 16 maio 2011.

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. 11ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007. Pág. 24-45, 64-100, 281-282, 393-395.

SKINNER, B. F. *Questões Recentes na Análise Comportamental*. Campinas, SP: Papirus. 2002. Pág. 18-20, 47.

SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda., 2006. Pág.23-32, 79-89.

SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. Massachusetts: Editora Copley Publishing Group, 1992. Pág. Viii - Capítulo Foreword I; Pág. 226 – Capítulo 8.

WEINBERG, R. & GOULD, D. *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. 2ª Edição. Champaign: Human Kinetics, 1999.

ANEXOS

I. ENTREVISTA

PROGRAMA FANTÁSTICO – Um craque com medo do futuro.

Fantástico – G1- O Portal de Notícias da Globo - 25/02/08

O apartamento é num dos endereços mais exclusivos de Paris. Ronaldo foi para lá logo depois da entrevista coletiva que deu ao deixar o hospital, após oito dias de internação. Foi nesse apartamento que ele recebeu o Fantástico para uma conversa exclusiva.

O Fenômeno está contente, não porque trocou o quatinho apertado do hospital pelo apartamento, mas por finalmente sentir o conforto de ter a família por perto.

Ronaldo: Na hora mais difícil, que você está caindo, você tem que se apoiar neles.

Fantástico: *Desculpa fazer lembrar disso de novo, mas foi muito chocante a imagem do momento da queda, a expressão de dor. Era só dor ou era se dar conta de que tinha acontecido de novo, que era o outro joelho e tudo que você tinha pela frente?*

Ronaldo: A dor mesmo não é tão grande, porque é tão rápido. O que senti foi que foi exatamente a mesma coisa que aconteceu no joelho direito. Aí é que bate desespero, uma tristeza, um monte de perguntas sem respostas. Tipo: Por que isso está acontecendo de novo? Por que comigo? O que eu fiz para merecer isso?

Fantástico: *Você tem medo de ficar com sequelas graves desse acidente?*

Ronaldo: Se não fizer direito a recuperação, muito provável que tenha, que deixe alguma sequela. Mesmo que eu pense em amanhã não voltar a jogar, eu tenho que fazer o melhor na recuperação para amanhã ou depois eu andar com meu filho, andar de bicicleta com ele, correr com ele, sem ter dor, sem ter nenhuma sequela.

Fantástico: *Você contempla a possibilidade de não voltar a jogar?*

Ronaldo: Eu tenho que estar preparado para isso também. Eu tenho que saber que não vai ser fácil, que vai ser uma recuperação muito dura, muito difícil e que pode acontecer de ocorrer algum problema no meio da recuperação e, infelizmente, eu não poder jogar mais. Mas eu vou deixar isso para o final da recuperação para ver. Se no final eu tiver dor mesmo recuperado e puder levar uma vida normal, mas tiver dor, talvez seja a hora mesmo de dizer adeus ao futebol.

Fantástico: *O que mais pode motivar alguém que já venceu duas Copas, já foi três vezes eleito o melhor jogador do mundo?*

Ronaldo: Às vezes, eu paro para pensar e chego a essa conclusão também, mas quando eu estou em campo, nada disso importa, nem dinheiro, nem título, nem... Quando eu estou em campo, eu faço como se tivesse em Bento Ribeiro, onde eu nasci, jogando com meus amigos de infância e brincando de ganhar o time adversário. Essa é a melhor sensação que existe.

Fantástico: *E jogar com a camisa do Flamengo, uma velha paixão?*

Ronaldo: Não é exatamente o melhor momento para se falar de Flamengo, ou do Milan ou de qualquer outro clube, porque logicamente nenhum clube quer um jogador operado duas vezes, com duas lesões gravíssimas no joelho, nenhum clube pensa em contratar um jogador assim, com 31 anos, com dúvidas se vai voltar a jogar ou não. Mas, ao mesmo tempo, eu não preciso de nenhum tipo de caridade de nenhum time, graças a Deus, graças a minha história no futebol.

RECUPERAÇÃO NO PRÓPRIO APARTAMENTO

O trabalho de recuperação não pode esperar. No apartamento mesmo, nas primeiras horas em casa, diante da equipe do Fantástico, ele começa o tratamento. Eletrodos incentivam a drenagem, e um equipamento que dobra o joelho de Ronaldo até 30°. Ao longo das primeiras semanas, a inclinação vai sendo aumentada, para evitar que o tendão rompido e reparado perca a elasticidade.

Fantástico: *Quando você fala em uma vida normal, em andar de bicicleta com seu filho, você pensa também em casar de novo, ter mais filhos?*

Ronaldo: Tenho planos de casar de novo, ter filhos, de dedicar mais tempo ao meu filho, ao Ronald, ser um melhor pai. Porque na minha vida de jogador, infelizmente, eu sou um pai ausente. A Bia [a estudante Maria Beatriz, namorada do Ronaldo] é uma guerreira. Acho que ela pagou todos os pecados da vida dela agora nesses oito dias. Minha companheira. Muito agradeço a ela também de ter feito esses oito dias mais tranquilos.

Fantástico: *Na coletiva, Ronaldo declarou: “A minha paixão por jogar bola, minha paixão por fazer gols, essa é a luz no final do túnel que eu vejo, que eu quero alcançar”. O que é que tem nessa luz?*

Ronaldo: Essa luz tem só... Digamos que essa luz tem um refletor de um campo de futebol. E o campo ali, refletores acesos, torcida gritando, torcendo, gritando meu nome e 21 jogadores dentro de campo me esperando no estádio. Eu imagino assim.

II. BIOGRAFIA

Com o intuito de clarificar enfaticamente a história de vida e a trajetória profissional de Ronaldo Luis Nazário de Lima (Ronaldo, o Fenômeno) como também, com a finalidade de analisar dados relevantes acerca dos momentos de lesão e reabilitação deste atleta, abaixo segue uma breve Biografia do jogador. (Biografia na íntegra retirada de <http://br.oleole.com/ronaldo/biografia/phi1fk.html> e acessada em 10/10/11)

Ronaldo Luis Nazario de Lima, mais conhecido simplesmente como Ronaldo, é um atacante brasileiro que joga no Corinthians e já atuou por Cruzeiro, PSV, Barcelona, Inter de Milão, Real Madrid e Milan. Participou de quatro Copas do Mundo pela seleção brasileira, conquistando duas vezes o título e terminando uma vez na segunda colocação. Ele é o maior artilheiro da história das Copas do Mundo, com 15 gols marcados em três edições. Ronaldo também ganhou o prêmio Bola de Ouro, como melhor jogador do mundo, por três vezes, em 1996 (com 20 anos), 1997 e 2002. Pelé nomeou Ronaldo como um dos 125 melhores jogadores de futebol da história. Também em 1997, ele

recebeu o apelido de Il Fenomeno (O Fenômeno), quando atuava pela Inter de Milão.

HISTÓRIA

Nascido no pobre bairro de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, Ronaldo Luis Nazario de Lima provavelmente não pensaria que um dia seria chamado de Ronaldo, O Fenômeno. Mas rapidamente seu talento desabrochou e o mais jovem de três irmãos ganhou fama internacional.

Ronaldo começou jogando futsal com pouca idade em pequenos clubes no Rio de Janeiro. O jogo rápido em uma quadra pequena ajudou a desenvolver uma técnica e controle de bola como nenhum outro. Logo, Ronaldo fez a mudança para o gramado, jogando nas categorias de base do São Cristóvão, um pequeno clube da cidade.

Em 1993, com 16 anos, ele assinou o seu primeiro contrato profissional, com o Cruzeiro. Com 59 partidas disputadas pelo clube mineiro, Ronaldo marcou 57 gols. Suas duas partidas mais impressionantes foram contra o Bahia, na qual marcou 5 dos 6 gols de seu time na goleada por 6 a 1, e quando marcou três gols contra o rival Atlético-MG.

Tantas grandes atuações deram ao jogador de 17 anos a vaga de mais jovem atleta integrante da seleção nacional que ganhou a Copa do Mundo de 1994. Ele ficou no banco de reservas durante toda a competição, mas as suas qualidades não foram ignoradas pelos clubes europeus, e logo após a Copa do Mundo ele assinou com o PSV Eindhoven da Holanda.

O sucesso continuou quando Ronaldo marcou 66 gols em 71 partidas, ajudando o PSV a ganhar a Copa da Holanda em 1995. Ronaldo também foi artilheiro do Campeonato Holandês nessa temporada.

CONQUISTANDO A EUROPA

Em 1996, Ronaldo foi comprado pelo Barcelona para preencher a vaga deixada por outro atacante brasileiro, Romário. Em dez meses de Barcelona, Ronaldo marcou 34 gols em 37 jogos e conquistou a Copa do Rei, a Supercopa da Espanha e a Re-Copa da Europa. Foi também na Espanha que Ronaldo criou a sua comemoração de avião.

Com todos os méritos, Ronaldo foi eleito o melhor jogador do mundo durante dois anos consecutivos, em 1996 e 1997.

Por ter sido uma criança muito magra, foi apelidado de Ronaldinho por muitos anos, mas mudou completamente seu porte físico quando, em 1997, se transferiu para a Inter de Milão. Ronaldo tinha 21 anos quando todo o seu talento, velocidade e habilidade fizeram com que a fanática imprensa italiana o apelidasse de “Fenômeno”. Sua primeira partida pelo time azul e preto foi um amistoso contra o Manchester United e atraiu mais de 60 mil torcedores ao estádio Giuseppe Meazza. Os gols de Ronaldo a Inter de Milão a conquistar a Copa da UEFA em 1998.

TRAGÉDIA DA COPA DO MUNDO

Nesse mesmo ano, Ronaldo era a maior estrela da seleção brasileira que foi para a Copa do Mundo na França defender seu título. Ronaldo anotou quatro gols no torneio, mas o que realmente marcou a sua participação na competição não foram os gols.

12 de Julho de 1998 é um dia que dificilmente será esquecido por Ronaldo e seus fãs. Poucas horas antes da final da Copa do Mundo e da chance de erguer o troféu novamente ocorreu um fato dramático, Ronaldo sofreu uma ainda misteriosa convulsão. O técnico brasileiro Mario Zagallo insistia em

começar o jogo com Ronaldo em campo, e uma atordoada e irreconhecível seleção brasileira foi facilmente derrotado por 3 a 0 pela França de Zidane. Mas o pior ainda estava por vir.

PRIMEIRA CONTUSÃO NO JOELHO

Em novembro de 1999, Ronaldo sofreu uma contusão no joelho durante a partida entre Inter de Milão e Lecce. Cinco meses depois, ele retornou contra a Lazio, e apenas 7 minutos depois, machucou o mesmo joelho novamente, porém de uma forma muito mais grave, e dessa vez poderia ficar de fora do futebol por até 1 ano e 5 meses. Para muitos críticos, esse era o fim do Fenômeno. Ele tinha apenas 24 anos na época.

O RETORNO

O técnico Luis Felipe Scolari surpreendeu muitos críticos quando em 2002 decidiu convocar Ronaldo para a seleção que iria viajar para a Copa do Mundo da Coreia-Japão. Muitos preferiam ver Romário como o atacante do time, e consideravam Ronaldo fora de forma e acabado para o futebol.

Durante a Copa, Ronaldo provou ao mundo o contrário. Com oito gols no torneio, ele não só se tornou o artilheiro como também ajudou seu time a conquistar a sua quinta Copa do Mundo. O Fenômeno estava de volta!

Novamente eleito o melhor jogador do mundo no ano de 2002, Ronaldo se viu em uma polêmica transferência para o Real Madrid. A transação custou cerca de 39 milhões de Euros aos cofres dos Merengues. Lá jogou com Zidane, e juntos ajudaram o time a conquistar o Campeonato Espanhol, com Ronaldo sendo o artilheiro da competição.

A próxima temporada não foi boa para o Real Madrid. O time contava agora com Roberto Carlos, Raul, Luis Figo, David Beckham, Ronaldo e Zidane como estrelas, mas os “Galácticos” – como eram conhecidos – falharam na tentativa de conquistar qualquer título, e algumas contusões musculares acabaram abalando o relacionamento entre Ronaldo e o clube. Mesmo com todos os problemas, o Fenômeno disputou 127 partidas pelo Real Madrid e marcou 83 gols.

A Copa do Mundo de 2006 foi marcante para Ronaldo. Mesmo com o Brasil não passando das quartas-de-final ao ser derrotado pela França por 1 a 0. Os três gols de Ronaldo na competição deram a ele o título de maior artilheiro de todos os tempos em Copas do Mundo, com um total de 15 gols em 4 participações.

MILAN E O NOVO DRAMA

Em Janeiro de 2007, Ronaldo começou a negociar sua transferência para o Milan, mas o Real Madrid não queria liberar o atacante até o final de seu contrato. Após algumas semanas de conversas com os diretores do Real, um acordo foi alcançado. Ronaldo concluiu a sua transferência para os Rossoneri no dia 30 de janeiro e recebeu a camisa de número 99.

Os primeiros meses em Milão foram ótimos para Ronaldo. Em seu segundo jogo pelo Milan, ele marcou dois gols e deu assistência para um terceiro na vitória de seu time sobre o Siena por 4 a 3. Parecia que Ronaldo seria o substituto ideal para o ucraniano Shevchenko, que havia sido negociado com o Chelsea, e o brasileiro Ricardo Oliveira, que não produziu o esperado.

Mas as coisas começaram a dar errado quando no aquecimento para o jogo contra o Benfica, Ronaldo sofreu uma contusão muscular.

A contusão causou preocupação ao clube italiano, e provocou um interesse do Flamengo em contratar Ronaldo. O jogador é um torcedor declarado do Rubro-negro carioca e sua negociação com o clube parecia concretizada, quando o Milan confirmou que renovaria o contrato com Ronaldo até junho de 2008.

No dia 12 de janeiro de 2008, Ronaldo jogou uma partida memorável, e junto com Kaká e a nova estrela Alexandre Pato, ajudaram o Milan a bater o Napoli por 5 a 2. Ronaldo marcou dois gols na partida. Mas um mês depois, em uma partida contra o Livorno. O Fenômeno encarou o seu pior pesadelo novamente. Uma ruptura no tendão patelar do joelho esquerdo, a mesma contusão que Ronaldo teve em 1999 e 2000 quando atuava pela Inter de Milão.

CORINTHIANS

No dia 9 de Dezembro a diretoria do Corinthians anunciou a contratação de Ronaldo para 2009.

Depois de quase dois meses de treinos intensos e algumas polêmicas, o jogador estreou pela equipe num jogo em Itumbiara, Goiás, pela Copa do Brasil. Jogou poucos minutos e não marcou gols.

Dias depois, no entanto, no dia 8 de março de 2009, em Presidente Prudente, Ronaldo fez história de novo ao entrar contra o Palmeiras no clássico, quando o Corinthians perdia por 1 x 0. Fez quatro boas jogadas incluindo o gol, de cabeça, aos 47 minutos, que decretou o empate para delírio da torcida corintiana.

MOMENTOS IMPORTANTES

DATE	TEAM	COMPETITION	GOALS SCORED
1993	Cruzeiro	Campeonato Brasileiro	Ronaldo marca 5 gols contra o Bahia
1993	Cruzeiro	Campeonato Mineiro	Ronaldo marca três gols no clássico contra o Atletico-MG
1994/1996	PSV Eindhoven	vários	Compilação de Ronaldo pelo clube holandês
1996/1997	Barcelona	vários	Alguns dos gols de Ronaldo pelo Barcelona
1999/2000	Internazionale	Copa da Itália	As duas contusões no joelho quando ele atuava pela Inter
30 Jun 2002	Brasil	Copa do Mundo	Ronaldo marca duas vezes e dá ao Brasil sua 5ª Copa do Mundo
2002/2007	Real Madrid	vários	Grandes gols e jogadas de Ronaldo pelos Galácticos
Sept. 2004	Brasil	Eliminatórias	Ronaldo marca três gols contra a Argentina
1998/2006	Brasil	Copas do Mundo	Ronaldo's Os 15 gols de Ronaldo em Copas do Mundo
2007	Milan	Campeonato Italiano	4 gols nas 7 primeiras partidas pelo Milan
12 Jan. 2008	Milan	Campeonato Italiano	Dois gols de Ronaldo na vitória sobre o Napoli por 5 a 2
14 Feb 2008	Milan	Campeonato Italiano	Recente contusão do joelho de Ronaldo
8 Mar 2009	Corinthians	Campeonato Paulista	Ronaldo faz seu primeiro gol pelo Corinthians contra o Palmeiras

PRÊMIOS E TÍTULOS

CRUZEIRO	Copa do Brasil: 1993
PSV EINDHOVEN	1 Copa da Holanda: 1995/1996
BARCELONA	Copa dos Campeões de Copas: 1996/1997 Copa do Rei: 1996/1997
INTER DE MILÃO	Copa da UEFA: 1997/1998
REAL MADRID	Copa Intercontinental: 2002 Campeonato Espanhol: 2002/2003 Supercopa da Espanha: 2003
SELEÇÃO BRASILEIRA	Campeão da Copa do Mundo: 1994, 2002 Vice-campeão da Copa do Mundo: 1998 Copa América: 1997, 1999 Copa das Confederações: 1997

PRÊMIOS PESSOAIS

ANO	PRÊMIO
1996 (vencedor mais jovem), 1997, 2002	FIFA Melhor jogador do mundo:
1996 (vencedor mais jovem), 1997, 2002	Melhor jogador do mundo:
1997 (vencedor mais jovem), 2002	Melhor jogador da Europa (Bola de Ouro)
1997, 2002	Onze d'Or
1998	UEFA Jogador mais valioso
1998	UEFA Club Football Awards: Melhor atacante
1998, 2002	FIFA Seleção da Copa do Mundo:
1997	Bota de Ouro da Europa
1999	Artilheiro: Copa América
1996-1997, 2003-2004	Melhor jogador do Campeonato Espanhol
1994-1995	Melhor jogador do Campeonato Holandês
2002	Melhor jogador da Copa Intercontinental
2002	BBC Personalidade esportiva do ano
2006	Prêmio GoldenFoot

ESTATÍSTICAS DA CARREIRA

TEAM	SEASON	TOTAL	
		P	G
Cruzeiro	1993-1994	13	22
PSV Eindhoven	1994-1996	46	42
Barcelona	1996-1997	37	34
Internazionale	1997-2002	69	49
Real Madrid	2002-2007	127	83
Milan	2007-presente	16	9
Brasil	1994-2006	97	62
Cruzeiro	1993-1994	13	22

Fonte: <http://www.abpmc.org.br/site/wp-content/uploads/2011/06/eduardoESPORTE.pdf>